



**INSTITUTO LATINO-AMERICANO DE ARTE,  
CULTURA E HISTÓRIA (ILAACH)**

**CINEMA E AUDIOVISUAL**

**PROJETO DE ROTEIRO DE LONGA METRAGEM:**

**CRÔNICAS DA DESATENÇÃO**

**GABRIEL DE FRANÇA GONÇALVES**

Foz do Iguaçu  
2024

**PROJETO DE ROTEIRO DE LONGA METRAGEM:  
CRÔNICAS DA DESATENÇÃO**

**GABRIEL DE FRANÇA GONÇALVES**

Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado ao Instituto Latino-Americano  
de Arte, Cultura e História da Universidade  
Federal da Integração Latino-Americana,  
como requisito parcial à obtenção do título  
de Bacharel em Cinema e Audiovisual

Orientadora: Profa. Me. Clarissa Moebus de  
Alencar Ramalho

Foz do Iguaçu  
2024

GABRIEL DE FRANÇA GONÇALVES

**PROJETO DE ROTEIRO DE LONGA-METRAGEM:**

**CRÔNICAS DA DESATENÇÃO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto Latino-Americano de Arte, Cultura e História da Universidade Federal da Integração Latino-Americana, como requisito à obtenção de qualificação da banca examinadora.

**BANCA EXAMINADORA**

---

Orientadora: Profa. Me. Clarissa Moebus de Alencar Ramalho

UNILA

---

Prof. Dr. Eduardo Dias Fonseca

UNILA

---

Prof. Dr. Fábio Allan Mendes Ramalho

UNILA

Foz do Iguaçu, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_.

## **AGRADECIMENTOS**

Primeiro, agradeço imensamente à minha professora orientadora, Clarissa Moebus de Alencar Ramalho, pela paciência, cuidado e direcionamento em todos os meus processos de escrita desse projeto.

Agradeço também aos docentes, Eduardo Dias Fonseca e Fábio Allan Mendes Ramalho, por aceitarem estar presentes como avaliadores nas duas bancas e com carinho desenvolverem críticas construtivas para meu processo criativo.

Aos docentes Virginia Osorio Flores e Dinaldo Sepúlveda Almendra Filho, por brevemente me auxiliarem como orientadores e me proporcionarem experiências acadêmicas práticas através de monitorias e um projeto de extensão.

Aos profissionais, técnicos, funcionários efetivos e terceirizados da Universidade Federal da Integração Latino Americana, por moverem e sustentarem os frutos e práticas de uma universidade pública.

Aos meus familiares, pelo privilégio de dividir a minha existência ao lado de vocês e poder contar sempre com o apoio e o amor incondicional de cada um.

Aos amigos e amigas que carrego no meu coração, e que de alguma forma me ajudaram em minha trajetória acadêmica, profissional e íntima, fazendo valer a pena os momentos de críticas, dores, amores, descontração e lazer, me mostrando o valor e a importância dos afetos compartilhados.

## RESUMO

*Crônicas da Desatenção* é um projeto de roteiro de longa-metragem ambientado em Foz do Iguaçu no momento atual que tem o propósito de trabalhar temáticas latentes do cinema contemporâneo e problemáticas sociais e psicológicas do século XXI, onde nossa atenção é minada por uma sociedade calcada na produtividade e positividade, e que conseqüentemente geram indivíduos cansados, estressados e depressivos. Baseado no ensaio do filósofo Byung-Chul Han, discuto sobre essa denominada “sociedade do cansaço” e suas crises. Em contrapartida às crises da hipermodernidade, com o intuito de valorizar a necessidade da pausa e contemplação, apresento elementos do acaso que culminam em situações onde a reavaliação dos sentidos humanos são analisadas, como corpos paradoxalmente desatentos dentro do atual sistema econômico explorado por Han. Assim, apresento narrativas baseadas nas rotinas de trabalho de personagens cansados que transitam constantemente pela cidade, e que através do acaso e afeto eles desenvolvem uma sensibilidade com o momento presente.

**Palavras-chave:** roteiro longa-metragem; cinema contemporâneo; sociedade do cansaço; trabalho; sensorialidade.

## RESUMEN

*Crônicas da Desatenção* es un proyecto de guión de largometraje ambientado en Foz do Iguaçu en la actualidad que tiene como objetivo trabajar temas latentes del cine contemporáneo y los problemas sociales y psicológicos del siglo XXI, donde nuestra atención se ve socavada por una sociedad basada en la productividad y positividad, y que en consecuencia generan individuos cansados, estresados y deprimidos. Basándome en el ensayo del filósofo Byung-Chul Han, analizo la llamada “sociedad de la fatiga” y sus crisis. En contraste con las crisis de la hipermodernidad, con el objetivo de valorar la necesidad de pausa y contemplación, presento elementos de azar que culminan en situaciones donde se analiza la reevaluación de los sentidos humanos, como cuerpos paradójicamente desatentos dentro del sistema económico actual explorado por Han. . Así, presento narrativas basadas en las rutinas de trabajo de personajes cansados que se mueven constantemente por la ciudad, y a través del azar y el cariño desarrollan una sensibilidad al momento presente.

**Palabras clave:** guión de largometraje; cine contemporáneo; sociedad de la fatiga; trabajo; sensorialidad.

## SUMÁRIO

<b>1. APRESENTAÇÃO.....</b>	<b>9</b>
<b>2. JUSTIFICATIVA.....</b>	<b>11</b>
<b>3. STORYLINE.....</b>	<b>13</b>
<b>4. SINOPSE.....</b>	<b>13</b>
<b>5. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....</b>	<b>14</b>
5.1. CINEMA DE FLUXO E A SOCIEDADE DO CANSAÇO.....	14
5.2. ESPAÇO E CONTEMPLAÇÃO.....	17
<b>6. PERSONAGENS.....</b>	<b>19</b>
6.1. PRIMEIRA HISTÓRIA.....	19
6.1.1. Principais.....	19
6.1.1.1. <i>Marcos</i> .....	19
6.1.1.2. <i>Helena</i> .....	20
6.1.2. Secundários.....	21
6.1.2.1. <i>Antônio</i> .....	21
6.1.2.2. <i>Seu Luís</i> .....	21
6.2. SEGUNDA HISTÓRIA.....	22
6.2.1. Principais.....	22
6.2.1.1. <i>Cesar</i> .....	22
6.2.2. Secundários.....	22
6.2.2.1. <i>Carol</i> .....	22
6.2.2.2. <i>Laura</i> .....	23
6.2.2.3. <i>Vinícius</i> .....	23
6.2.2.4. <i>Fabrcio</i> .....	24
6.2.2.5. <i>Matías</i> .....	24
6.3. TERCEIRA HISTÓRIA.....	24
6.3.1. Principais.....	24
6.3.1.1. <i>Clarice</i> .....	24
6.3.2. Secundários.....	25

	8
6.3.2.1. <i>Vitor</i> .....	25
6.3.2.2. <i>Dona Sônia</i> .....	26
<b>7. TEMPO E ESPAÇO.....</b>	<b>26</b>
7.1. TEMPO.....	26
7.2. ESPAÇO.....	27
<b>8. RELATÓRIO CRÍTICO.....</b>	<b>30</b>
<b>9. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>	<b>37</b>
<b>10. REFERÊNCIAS FILMOGRÁFICAS.....</b>	<b>38</b>
<b>11. ANEXOS.....</b>	<b>39</b>
11.1. PROTOCOLO DE REGISTRO DE ROTEIRO NA BIBLIOTECA NACIONAL..	
40	
<b>12. ROTEIRO.....</b>	<b>40</b>



## 1. APRESENTAÇÃO

*Crônicas da Desatenção* é um Trabalho de Conclusão de Curso na categoria Obra Audiovisual, mais especificamente no formato de roteiro de longa metragem de ficção realizado individualmente por Gabriel de França Gonçalves, estudante do curso de Cinema e Audiovisual da Universidade Federal da Integração Latino Americana (UNILA). O projeto se trata de uma sensibilização do olhar do espectador frente uma narrativa contextualizada em problemáticas e crises do mundo contemporâneo como o cansaço laboral, o hiperestímulo e o déficit de atenção, a partir de elementos formais do cinema contemporâneo, e também o uso de convenções de gêneros cinematográficos do drama/slice of life.

Cansaço, produtividade, hiperestímulo, fobia social, precarização do trabalho, essas e muitas outras palavras são comuns ao nosso contexto contemporâneo. A sociedade do século XXI muda constantemente, mas existem constantes significativas que identificam nosso tempo como uma era de doenças psicológicas e déficit de atenção. O filósofo sul-coreano Byung-Chul Han desenvolveu um ensaio analisando nossas relações de trabalho, atenção, obediência e produtividade a partir de uma contextualização filosófica sobre o poder, a potência e o tédio, caracterizando justamente a sociedade contemporâneo como uma sociedade doente psicologicamente:

Visto a partir da perspectiva patológica, o começo do século XXI não é definido como bacteriológico nem viral, mas neuronal. Doenças neuronais como a depressão, transtorno de déficit de atenção com síndrome de hiperatividade (TDAH), Transtorno de personalidade limítrofe (TPL) ou a Síndrome de Burnout (SB) determinam a paisagem patológica do começo do século XXI. Não são infecções mas enfartos, provocados não pela negatividade de algo imunologicamente diverso, mas pelo excesso de positividade. (HAN, 2015, pg. 7)

O excesso de positividade trazido por Han se relaciona diretamente com a produtividade do trabalho, pois é necessário que estejamos felizes para continuar exercendo nossos papéis fundamentais na sociedade, todavia, essa felicidade vem acompanhada de uma pressão inerente ao pensamento de produção e funcionalidade, onde o indivíduo se vê livre e dono de seu próprio sucesso, a custo

de uma auto exploração selvagem que mina a nossa atenção e nossas necessidades básicas individuais.

A sociedade do século XXI não é mais a sociedade disciplinar, mas uma sociedade de desempenho. Também seus habitantes não se chamam mais “sujeitos da obediência”, mas sujeitos de desempenho e produção. São empresários de si mesmos. Nesse sentido, aqueles muros das instituições disciplinares, que delimitam os espaços entre o normal e o anormal, se tornaram arcaicos [...] A sociedade disciplinar ainda está dominada pelo não. Sua negatividade gera loucos e delinquentes. A sociedade do desempenho, ao contrário, produz depressivos e fracassados. (HAN, 2015, pg. 14-15)

Diante desse cenário atual, opto por desenvolver uma narrativa de tramas paralelas que levantam questões sobre nossa atenção e produtividade a partir de três histórias que se desenvolvem da reavaliação dos sentidos físicos do corpo desses personagens dentro de encontros rotineiros a partir de suas relações de trabalho, fazendo com que as pausas e os momentos de lazer sejam necessários, tal qual o compartilhamento das angústias entre os protagonistas que vivem dentro dessa realidade contemporânea.

Nas tramas, cada história elabora relações específicas das personagens com certos vínculos empregatícios e um ou mais sentidos físicos do corpo humano. Na primeira história, desenvolvendo o tato e o trabalho autônomo, Marcos (28), motorista de aplicativo, possui dores no corpo devido sua rotina desgastante dirigindo dia após dia e cultivando uma postura e hábitos sedentários. As coisas mudam quando num dia levando a cliente Helena (27), seu carro para de funcionar no meio da viagem e a moça esquece um molho de chaves no banco traseiro. Com o encontro da entrega das chaves, Marcos descobre que Helena é uma professora de dança e o convida para participar de uma aula. A partir daí, Marcos analisa se vale a pena aceitar o convite ou continuar com o seu dia a dia exaustivo.

Na segunda história, analisando o paladar/olfato e o trabalho intermitente, Cesar (24), um aspirante a chef de cozinha, lida com dois turnos de trabalho, como atendente de uma cafeteria e como preparador de lanches. Seu cansaço e ansiedade crescem com o passar dos dias, pois além das rotinas de trabalho, Cesar se prepara para uma prova final de um estágio num restaurante, que pode definir o futuro de sua carreira na gastronomia.

Por fim, na terceira e última história, explorando a visão/audição e o tipo de contratação PJ, Clarice (25), é uma filmmaker de uma agência de publicidade e divide sua rotina trabalhando de forma híbrida. Constantemente ela recebe advertências de seu chefe, pois seus trabalhos são vistos como muito autoral e por vezes poéticos, destoando dos padrões de qualidade da agência. As dificuldades se agravam quando em uma noite um grilo aparece no quarto de Clarice e começa a perturbar seu sono, fazendo com que seu rendimento e sua concentração diminua. Ao longo dos dias, a presença do grilo acaba influenciando o modo como Clarice se relaciona com a produção de sons e imagens.

## **2. JUSTIFICATIVA**

A ideia para essa narrativa surgiu a partir de minhas experiências pessoais na cidade de Foz do Iguaçu e de minha vivência em São Paulo. A comparação de realidades entre as cidades se fez presente, pois eu sentia uma grande diferença de tempo e espaço entre as duas, todavia, a cidade de Foz me encheu de curiosidade a respeito de seus diferentes fluxos vividos pelas pessoas que transitam por aqui. Trabalho, turismo, estudo e moradia, vivências diferentes que caracterizam, em minha opinião, diversas identidades de um mesmo lugar.

Para além da minha vivência na cidade nesse tempo presente, eu gostaria de abordar temáticas e narrativas que dialogassem com as problemáticas presentes no mundo contemporâneo, e que foram agravadas nos momentos pós normalização da pandemia da Covid-19. A precarização do trabalho, a perda generalizada de foco e motivação com a vida, o rapto fácil e constante da nossa atenção, elementos que categorizam as crises do nosso tempo.

O propósito deste projeto consiste em duas camadas principais de argumentação: responder à esterilidade e o cansaço das crises contemporâneas a partir de uma narrativa que ressignifique os momentos de pausa e lazer a partir do cultivo ao presente e contemplação sobre a impermanência da vida e a ressignificação de uma identidade construída sobre o imaginário de Foz como uma cidade puramente visada para o turismo e o consumo, rompendo com essa ideia a

partir de uma exploração de narrativas que protagonizam a cidade como um lugar de convivência e apreciação por quem mora aqui.

Assim, em contrapartida à esterilidade e ausência de sentido no mundo trazidos por essa incessante necessidade de consumo e produção, trago exercícios de sensibilidade para com o mundo, não ignorando as problemáticas do sistema capitalista, mas fortalecendo as experiências individuais das personagens para que elas possam influir no coletivo.

A segunda problemática em minha justificativa busco questionar o imaginário hegemônico desenvolvido sobre a cidade de Foz do Iguaçu através do cinema e audiovisual. Existe uma ideia comum generalizada de atribuição do espaço de Foz a um grande lugar de comércio e turismo. Talvez os maiores elementos espaciais explorados para causar esse pensamento sejam a existência das Cataratas do Iguaçu e o centro comercial de Ciudad Del Este no Paraguai. Todavia, a existência inerente desses lugares não evocam por si só uma narrativa de exploração e consumo, deve-se articular meios para a construção de uma identidade reconhecida mundialmente.

Por isso, não é à toa que vemos cartazes, outdoors, comerciais e outros produtos audiovisuais que representam o espaço de Foz do Iguaçu como um grande lugar de descobrimentos, entretenimento e compras. A condição de tríplice fronteira parece ser um grande atributo muito precioso dentro da logística de exploração e deslumbramento, visto que a partir de um deslocamento considerável você pode ter acesso a outros dois países onde a moeda vigente é valorizada, tornando a ideia de poder de compra muito sedutora.

Em contraponto a esse imaginário, apresento em meu roteiro narrativas que permeiam por todo o espaço da cidade e que se apropriam dessa ideia hegemônica para justamente questioná-la, confrontando-a com a existência de vida representada pelos espaços “menos favorecidos” da cidade, justamente onde se encontram a maioria dos lares, e não ironicamente, onde estão concentrados a maior parte da classe trabalhadora.

### **3. STORYLINE**

Em Foz do Iguaçu, Marcos, Cesar e Clarice lidam com jornadas exaustivas de trabalho, sem uma reflexão sobre como seus corpos respondem a essa forma de auto exploração. Ao longo de suas rotinas, são surpreendidos por situações do acaso que os levam a tomar outros rumos.

### **4. SINOPSE**

Três histórias distintas de trabalhadores cansados de suas rotinas e distantes de seus sentidos físicos ocorrem durante o verão na cidade de Foz do Iguaçu. Primeiro, Marcos (28), um motorista de aplicativo, trabalha sem descanso levando turistas e moradores pela cidade. Um dia, levando Helena (27), uma cliente, o carro para de funcionar e a mulher ainda esquece um molho de chaves no banco ao sair.

Depois de consertar o carro e descobrir que sua passageira é uma professora de dança, Marcos questiona sua rotina exaustiva e sedentária que só fazem com ele sinta dores e estresse. Assim, por um convite de Helena, começa a fazer aulas de salsa e melhorar o seu condicionamento físico dando importância para momentos de descanso.

Na segunda história, Cesar (24), um aspirante a chef de cozinha, trabalha em uma cafeteria e em uma hamburgueria, além de realizar um estágio em um restaurante que gostaria de trabalhar sendo efetivado. A rotina nos dois trabalhos faz com que Cesar se desgaste física e psicologicamente, atrapalhando na sua preparação para uma prova final que terá que realizar e passar a fim de conseguir uma vaga no restaurante.

Um dia, o chef e a sous chef do restaurante aparecem na cafeteria onde Cesar trabalha, fazendo com que ele acabe desmaiando com a pressão acumulada. Depois, no dia da prova, Cesar é afastado pelos chefs pois concordam que ele precisa cuidar de si e descansar. Desolado, Cesar acha um panfleto que fora entregue na cafeteria sobre uma horta comunitária, decide ir até o local para conhecer e acaba se afeiçoando pelo trabalho feito lá.

Na terceira e última história, Clarice (25) uma filmmaker que lida com uma grande demanda de montagem e edição de vídeos divide seu tempo trabalhando de maneira remota e eventualmente indo presencialmente para a empresa de publicidade na qual trabalha. Clarice se vê constantemente rodeada de telas e usando fones em seus ouvidos, todavia, ela possui o desejo de visitar as Cataratas do Iguaçu.

Em uma noite, antes de dormir, um grilo aparece em seu quarto, atrapalhando sua noite de sono. Cansada e hiperestimulada, Clarice lida com a presença mística do grilo que nunca é encontrado e aparece quase todas as noites, impedindo que ela relaxe e fazendo com que o desempenho de Clarice em seu trabalho caia. Depois de ser demitida, finalmente vai até as Cataratas e tira um tempo para sair pela sua vizinhança e pela cidade para captar sons e fotografar imagens. O grilo deixa de incomodá-la. No futuro, Clarice se torna uma artista de renome expondo seus trabalhos autorais que outrora foram criticados.

## **5. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA**

### **5.1. CINEMA DE FLUXO E A SOCIEDADE DO CANSAÇO**

Partindo para um contexto mais atual, dentro do estudo da teoria cinematográfica temos um termo que fora cunhado e que gera ainda hoje muita discussão sobre uma tendência do fazer cinema que corresponde ao momento da última década do século XX até os dias atuais (CUNHA, 2014), esse termo é entendido como “cinema de fluxo”. Minha proposta aqui não é esmiuçar as gêneses desse estudo teórico, mas sim sustentar minhas argumentativas a partir de recortes específicos sobre esse conceito e como eles dialogam diretamente tematicamente com meu roteiro. Não busco abraçar as ideias estilística e formais para atribuir ao meu processo narrativo da minha unidade estética. Assim, trago uma breve descrição sobre esse conceito teorizada pelo pesquisador Erly Vieira Jr em seu trabalho “Realismo sensório no cinema contemporâneo” (2020) e em seguida, discorro sobre sua relação com a sociedade atual e suas problemáticas:

[...] podemos dizer que, nessa vertente do cinema contemporâneo, a adoção de um olhar que tende ao microscópico e que se deixa guiar pelas sutis modulações de detalhes sonoros, cinéticos e luminosos no interior da cena recoloca a questão do cotidiano sob outra perspectiva narrativa: a que assume o caráter sensorial como ponto de partida para a irrupção de alumbramentos capazes de abrir a percepção do espectador para além do anestesiado olhar que já não percebe a riqueza multidimensional de um mundo em constante mobilidade. Por isso pensamos num tipo de plano em que o corte não seja dado pelo final da ação, mas sim por elementos que apontem para o cessar ou para a migração espaço temporal dos afetos irrompidos no espectador durante os eventos filmados/presenciados. (VIEIRA JR, 2020, pg. 33)

Estas citações dialogam diretamente com as ideias trazidas por Deleuze (1985) na sua teoria de Imagem-tempo do cinema moderno, e o que nos interessa aqui são algumas palavras chave que traduzir certos sentimentos presentes na sociedade contemporânea como “sensorial”, “efemeridade”, “cotidiano” e “anestesia”. Essas palavras remetem diretamente a um peso atmosférico sentido no mundo, que, enquanto experienciamos a vida moderna, percebemos a transitoriedade das coisas, o fluxo imanente à velocidade calcada nos valores contemporâneos, uma era de estímulos, responsabilidades, doenças neuronais, etc.

É interessante perceber a ideia de movimento trazida por esse tipo de cinema, onde há uma relação forte com as migrações e perambulações vividas por esses personagens dentro desse contexto contemporâneo. Dessa forma, muitas filmografias analisadas nas ideias do cinema de fluxo apresentam o espaço e as relações de impermanência de forma singular. O cinema de Hou Hsiao Hsien, Lucrécia Martel, Gus Van Sant, Tsai Ming Liang e Karim Ainouz, são bons exemplos dessa articulação que visa a experiência sensorial das personagens sobre um peso existente que permeia as camadas mais profundas da sociedade. Sobre Kar Wai, *Chungking Express* (1994) e *Fallen Angels* (1995) são minhas maiores referências num contexto de relação entre as personagens com seu entorno, e a partir do artigo escrito pela pesquisadora India Mara Martins sobre sua filmografia, levanto algumas questões que são fundamentais para a caracterização dos elementos temporais e espaciais do meu roteiro. Nesse artigo, para além dos filmes do diretor, ela ainda desenvolve sua argumentação a partir de uma análise formal de filmes dos cineastas Win Wenders e Jim Jarmusch.

Nas palavras da autora:

Em filmes como *O Estado das Coisas* (Wenders, 1980), o cineasta alemão condiciona as ocorrências e a passagem do tempo ao espaço em que lança seus personagens (uma pequena cidade no interior de Portugal). O mesmo pode ser dito de Jarmusch, em *Estranhos no Paraíso* (1984) e *Mystery Train* (1989), que vai dissolver a temporalidade dos seus filmes [...] que não identificam geograficamente o local ou a época onde os personagens se encontram. São filmes sobre personagens deslocados do seu cotidiano por diferentes motivos e como tal estabelecem uma relação diferente com o tempo e o espaço. Nestes filmes o espaço não representa a “cidade”, mas o mal estar e a inadequação dos personagens às exigências do mundo contemporâneo. (MARTINS, 2013, pg 184)

O mal estar e a inadequação são motivos recorrentes na filmografia do diretor, pois “observamos que os ambientes dos filmes de Kar-Wai trazem sempre os impasses das suas personagens: amplos lugares de passagem x claustrofóbicos ambientes de permanência.” (MARTINS, 2013, pg 191). É a partir dessas relações de espaço e tempo que pretendo desenvolver minha narrativa cinematográfica, onde as personagens se encontrem em lugares de trânsito e sintam as complicações vividas pela sociedade contemporânea. Assim, um fator fundamental na trama são as suas rotinas organizadas quase que exclusivamente por suas relações de trabalho. Mais uma vez, retomo as idéias do filósofo Byung-Chul Han para reforçar as crises da sociedade pós-moderna a partir de um referencial sobre a produtividade e positividade, valores encorajados no contexto contemporâneo e que diretamente afetam o campo psicológico e econômico, bem como o trabalho. Essas condições que extrapolam a nossa atenção fazem com que nos tornemos seres criados para lidarmos com muitas tarefas simultaneamente, atributo que teoricamente vai em contra mão da nossa própria evolução natural enquanto humanidade. O autor diz:

O excesso de positividade se manifesta também como excesso de estímulos, informações e impulsos. Modifica radicalmente a estrutura e economia da atenção. Com isso se fragmenta e destrói a atenção. Também a crescente sobrecarga de trabalho torna necessária uma técnica específica relacionada ao tempo e à atenção, que tem efeitos novamente na estrutura da atenção. A técnica temporal e de atenção multitasking (multitarefa) não representa nenhum progresso civilizatório. A multitarefa não é uma capacidade para a qual só seria capaz o homem na sociedade trabalhista e de informação pós-moderna. Trata-se antes de um retrocesso. A multitarefa está amplamente disseminada entre os animais em estado selvagem. Trata-se de uma técnica de atenção, indispensável para sobreviver na vida selvagem. As mais recentes evoluções sociais e a mudança de estrutura da atenção aproximam cada vez mais a sociedade humana da vida selvagem. Entrementes, o assédio moral, por exemplo, alcança uma desproporção pandêmica. A preocupação pelo bem viver, à qual faz parte também uma



convivência bem-sucedida, cede lugar cada vez mais à preocupação por sobreviver. (HAN, 2015, pg 18-19)

Assim, Han conclui que para além de um retrocesso civilizatório implicado por uma cultura de multitarefas, o cidadão laboral da sociedade pós-moderna se encontra cada vez mais em um processo de preocupação com sua sobrevivência, ao invés de levarmos nossa atenção para esse sucesso contemporâneo, cada vez mais utópico.

## 5.2. ESPAÇO E CONTEMPLAÇÃO

É possível lidar com a rotina contemporânea de uma forma saudável? Ou estamos condenados a sentirmos o peso das cobranças interiores em relação aos valores comuns da sociedade atual. Acima, de tudo, em meu projeto, trato destas questões sob um recorte espacial específico, tendo como objeto a cidade de Foz do Iguaçu. Como dito anteriormente, o fluxo e os trânsitos de Foz me chamam a atenção, bem como as diferentes motivações trazidas pelas pessoas que vivem na cidade.

Entretanto, existe uma certa identidade, um imaginário sobre a cidade que justamente dialoga com as problemáticas trazidas pelo capitalismo e conseqüentemente que está presente nos capítulos anteriores abordados nessa fundamentação teórica: a de que a cidade de Foz do Iguaçu é um espaço com uma vocação comercial e turística, caracterizando sua região como ambiente de consumo. Consumo esse que está diretamente relacionado com as ideias de trabalho e produtividade argumentados anteriormente, e que, por consequência de uma sensação global, compartilham dos sentimentos de sofrimento e cansaço carregados pelas mazelas dos sintomas da contemporaneidade.

De acordo com um artigo escrito em 2021 por Manuel Joseph Corman sobre a identidade hegemônica de Foz desenvolvida por uma articulação dos meios audiovisuais, o espaço fronteiriço de Foz possui um caráter turístico por suas belezas naturais e pelo maior centro de comércio varejista da América Latina, entretanto, essa narrativa foi construída durante a segunda metade da década de 70 com a construção da Usina Hidrelétrica Itaipu. Essa construção narrativa muito se

deu a partir da veiculação midiática a partir dos interesses econômicos visados por uma certa elite empresarial que buscava caracterizar o espaço da cidade como meramente um espaço de consumo e lazer. Corman em seu artigo traz um exemplo de mídia gerada com essas finalidades:

Como exemplo de produção audiovisual voltada para a espetacularização de cenários para turistas é o vídeo institucional Foz do Iguaçu, Destino do Mundo, no canal youtube da ITAIPU Binacional, realizada pela Vision Arte produtora de Foz do Iguaçu, vídeo institucional e publicidade turística que eles atualizam todas as décadas com imagens de melhor qualidade. A versão 2016 tem mais ou menos a mesma proposta que as versões anteriores: juntar planos de vídeos bonitos que não duram mais de 3 segundos para promover a beleza de nossa região. Podemos ver no vídeo que uma parte da cidade está à venda, e quem quer vender este 'produto' que é a imagem de Foz do Iguaçu, não incorpora as mazelas e injustiças sociais que constituem e construíram a cidade, e com isso também as eliminam da pauta hegemônica. Para resumir, o vídeo mostra só o parque nacional, as Cataratas, alguns pontos turísticos, os shopping e os hotéis.

Dessa forma, os lugares evidenciados para o público que consome esse tipo de mídia são apenas aqueles que possuem um caráter de utilidade comercial, ignorando os espaços locais frutos de uma organicidade comum aos moradores. Não é à toa que Foz acaba sendo caracterizada muito por seus "não-lugares". O conceito de não-lugar é desenvolvido em diversas áreas dos estudos da humanidade, todavia, me sustento nas ideias do antropólogo Marc Augé (1994) sobre o conceito. Em termos gerais, não-lugares são espaços de transição comuns ao indivíduo contemporâneo como estações de trem, shoppings, rodoviárias, hotéis, aeroportos, etc. Esses espaços são experienciados a partir de uma relação temporal e identitária específica, tornando-se transitórios e garantindo certa convivência anônima entre os passantes.

Augé desenvolve:

Como os não-lugares se percorrem, eles se medem em unidades de tempo. Os itinerários não funcionam sem horários, sem quadros de chegada ou de partida, que sempre concedem um lugar à menção dos atrasos eventuais. Eles se vivem no presente [...] No total, tudo se passa como se o espaço fosse retomado pelo tempo, como se não houvesse outra história se não as notícias do dia ou da véspera, como se cada história individual buscasse seus motivos, palavras e imagens no estoque inesgotável de uma inexaurível história no presente. (AUGE, 1994, pg 95 - 96).

O espaço da supermodernidade é trabalhado por esta contradição: ele só trata com indivíduos (clientes, passageiros, usuários ou ouvintes), mas eles só são identificados, socializados e localizados (nome, profissão, local de nascimento, endereço) na entrada ou na saída. Se os não-lugares são o espaço da supermodernidade, é preciso explicar esse paradoxo: o jogo social parece acontecer mais noutros lugares do que nos postos avançados da contemporaneidade. É a maneira de um imenso parênteses que os não-lugares recebem indivíduos a cada dia mais numerosos [...] O não-lugar é o contrário da utopia: ele existe e não abriga nenhuma sociedade orgânica. (AUGE, 1994, pg 101 - 102).

O que busco em meu projeto enquanto desenvolvimento espaço-temporal se resume diretamente a duas escolhas formais de articulação para o desenvolvimento da trama: trazer organicidade para esses não-lugares a partir da experiência individual das personagens substituindo as sensações de produtividade e cansaço laboral por uma contemplação do momento presente e o recorrer de pausas; ressignificar o imaginário coletivo da cidade a partir de observação e admiração dos espaços comuns de convivência, fugindo da exaltação e romantização dos espaços de transição que são vendidos como protagonistas.

## **6. PERSONAGENS**

### **6.1. PRIMEIRA HISTÓRIA**

#### **6.1.1. Principais**

##### **6.1.1.1. *Marcos***

28 anos, pele morena, cabelo curto preto, olhos pretos, Marcos é o protagonista da primeira história. Marcos é um motorista de aplicativo que trabalha na cidade de Foz do Iguaçu mas que eventualmente faz viagens particulares mais longas para cidades próximas. Não possui ao certo uma rotina de trabalho, variando de turnos e buscando aproveitar os momentos e dias da semana com mais oportunidade de viagens.

Marcos gosta das diversas interações com seus clientes, ainda que seja um tanto introvertido, aprecia ouvir histórias e conversar sobre diversos assuntos. Conhece bem algumas parcelas da cidade, principalmente a região do centro, pois é onde mais trabalha. Evita ir a regiões e bairros mais afastados, prefere manter uma clientela específica.

Todavia, no decorrer da trama, Marcos irá romper aos poucos seu preconceito velado, fazendo com que sua necessidade de se locomover e sair de uma zona de inércia e sedentarismo faça com que ele conheça novamente a cidade em que vive. Marcos é uma pessoa um tanto solitária, possui poucos amigos, mantém contato com outros motoristas da cidade, Antônio em especial, por quem possui maior proximidade.

Para além disso, seus contatos são superficiais, existindo apenas nos momentos entre as viagens com seus clientes. Seu gato acaba sendo sua companhia mais constante nos tempos de ócio. Entretanto, ao conhecer Helena em uma das viagens, suas motivações e desejos começam a mudar, a partir da possibilidade de uma nova atividade que pode ser benéfica em sua rotina.

#### 6.1.1.2. *Helena*

27 anos, pele branca, cabelo longo preto, olhos castanhos claros, Helena é uma das protagonistas da primeira história. Recentemente veio para Foz do Iguaçu à turismo e decidiu ficar um tempo na cidade para morar e aproveitar as oportunidades que lhe interessaram.

Helena é uma professora de dança que dá aulas em seu estúdio de dança e eventualmente realiza oficinas em projetos culturais e outros lugares da cidade como bares e hotéis. Gosta de estar presente em muitos eventos para estabelecer conexões em diversos espaços, sabe dividir bem sua atenção afetiva entre suas turmas de dança, amizades, relacionamentos amorosos e família.

Além de dançar, Helena gosta de exercitar outras práticas de saúde do corpo, como yoga, meditação e corrida. Todavia, por vezes Helena se sobrecarrega em

seus afazeres e procrastinação, fazendo com que horários e planejamento sejam uma dificuldade. No momento, Helena deseja manter sua estabilidade por alguns meses até conseguir juntar uma quantia razoável de dinheiro para viajar novamente.

Durante a história, Helena se depara com Marcos, que de imediato não lhe causa uma boa impressão, mas que num segundo encontro gera certa compaixão e afeição de sua parte.

### 6.1.2. Secundários

#### 6.1.2.1. Antônio

Antônio aparenta ter quase 60 anos, alto e esguio, cabelo grisalho com entradas, nascido e criado em Foz do Iguaçu, também trabalha como motorista de aplicativo e possui uma relação mais próxima de amizade com Marcos. Piadista e bem humorado, Antônio gosta de seu trabalho pois permite que ele conheça várias pessoas, ouvindo diversas histórias diferentes e compartilhando causos de sua vida pessoal e profissional. Gosta de jogos e de beber nos momentos de folga, geralmente trabalha pela noite pois é o momento do dia que ele mais gosta e prefere dirigir. Gosta de artes e escuta bastante música, geralmente músicas mais antigas, mas sua mente aberta lhe permite experimentar alguns artistas contemporâneos.

#### 6.1.2.2. Seu Luís

55 anos, corpulento e baixo, barba rala grisalha, careca, pele morena queimada pelo sol, Seu Luís é mecânico e proprietário de uma oficina mecânica em Foz do Iguaçu. É muito reconhecido na região pelo seu trabalho impecável e justo, as pessoas sempre o recomendam pela confiança de seu serviço. Tímido porém sorridente, Seu Luís passa a maior parte do dia desmontando, montando, construindo e consertando automóveis dentro de sua oficina. Conhece outros trabalhadores da região e conseqüentemente uma porção de motoristas de aplicativo. Gosta de trabalhar ouvindo música e conversando sobre algumas histórias de seu passado com os outros funcionários da oficina. É católico não praticante, dentro da oficina ele armazena alguns santinhos e imagens religiosas,

bem como fotos antigas do time de futebol de várzea que participou em tempos passados.

## 6.2. SEGUNDA HISTÓRIA

### 6.2.1. Principais

#### 6.2.1.1. Cesar

24 anos, pele branca, cabelo médio preto, olhos castanhos, possui algumas tatuagens isoladas pelos membros superiores, Cesar é o protagonista da segunda história. Cesar divide a sua rotina de forma que quase não sobra tempo para o lazer e descanso. Trabalha de maneira intermitente como atendente de uma cafeteria no centro da cidade no turno da manhã, e à noite trabalha como preparador de lanches em uma hamburgueria. Aos finais de semana, participa de um programa de estágio dentro de um renomado restaurante da cidade.

O desejo atual de Cesar é se dedicar para conseguir uma vaga efetiva no restaurante e trilhar seu caminho como chef. Para isso, tenta dividir seu tempo para conseguir passar em uma prova final que decidirá seu destino. Todavia, o estresse, a ansiedade acumulada e o perfeccionismo de Cesar fazem com que ele entre em um estado de alienação, vivendo de maneira automática e dispersa, focando a sua atenção apenas nos objetivos finais que cultiva.

Ao longo da trama, se relaciona com algumas pessoas importantes nos seus círculos sociais. Admira e respeita o chef Vinicius e a sous chef Laura, que trabalham no restaurante onde ele quer fazer parte. Possui boa relação com o gerente da cafeteria, Fabrício, e ao final se encanta pelos contatos com Carol e Matias. Com o passar do tempo, o corpo de Cesar lhe dará sinais de colapso devido a todo o acúmulo da pressão que ele põe em cima das suas ações e objetivos.

### 6.2.2. Secundários

#### 6.2.2.1. Carol

18 anos, parda, cabelo castanho cacheado, magra, Carol é uma estudante de biologia entusiasmada que gosta de se comunicar e estar em contato com a natureza. Olhar terno e sereno, mantém diversas conexões com pessoas de diferentes idades, nacionalidades e etnias, vivendo uma integração cultural de maneira intensa. Gosta de se vestir de maneira confortável e funcional, pois isso ajuda com seus trabalhos de campo além de executar serviços dentro da horta comunitária. Acredita no potencial transformador da comunidade e da boa alimentação, divulgando sempre que pode para terceiros participarem de projetos que envolvem um uso mais sustentável da natureza. Carol é altruísta e empática, mas não deixa passar injustiças. Se posiciona com veemência quando crê necessário, e busca entender diferentes realidades da vida.

#### 6.2.2.2. *Laura*

32 anos, alta, morena, cabelo longo preto, corpo atlético, Laura é Sous Chef do restaurante que Cesar deseja trabalhar. Independente, pós graduada e possui um relacionamento homoafetivo com sua companheira, Laura possui autoridade e respeito no seu ambiente de trabalho, tem apreço e reconhecimento pelas pessoas da sua família e amigos. Gosta de se exercitar, fazer natação, viajar, ler e escrever, sempre buscando se aperfeiçoar em todas as áreas de sua vida. Laura acredita na ação e reação do universo. Ela preza pela humildade e compaixão, mas não admite e se conforma com ações que ela considera negativa, principalmente em seu ambiente de trabalho. Gosta de dialogar e promove sempre um bom equilíbrio e harmonia nos ambientes. Costuma se vestir com elegância independente da ocasião e sempre mantendo boa postura.

#### 6.2.2.3. *Vinicius*

40 anos, altura mediana, pele branca, cabelo castanho ondulado, barba cheia, Vinicius é o Chef de cozinha do restaurante em que Cesar quer trabalhar. Vinicius é reconhecido em sua profissão, possui um extenso network mas cultiva poucos amigos próximos. Gosta de conhecer novas pessoas em lugares diferentes, abrindo oportunidades para eventuais relacionamentos românticos bissexuais. Vinicius possui presença e autonomia, gosta de pensar por si só, mas sabe ouvir e liderar um grupo de pessoas para um bem comum. Possui a mente aberta para

novas opiniões e experiências e interpreta a maior parte das suas emoções de forma mais racional. É agnóstico, e preza pelo cuidado de seu corpo, fazendo musculação e aprendendo técnicas de autodefesa como Krav Magá. Se veste de maneira casual e moderna quando lhe convém, demonstrando um bom senso de estilo.

#### 6.2.2.4. *Fabício*

31 anos, alto, pele preta, cabelo curto, Fabício é o Gerente da cafeteria em que Cesar trabalha. Amigável, pacífico e compreensivo, Fabício gosta da sua rotina de trabalho bem como das pessoas que convivem com ele. Gosta de artes e tem uma inclinação para a música e o teatro, além de ser um bom comunicador e escritor. Ajuda seus companheiros sempre que pode e gosta de tomar muito café. Como budista, preza pela harmonia dos ambientes e da liberdade individual. Gosta de se vestir de maneira confortável e autêntica.

#### 6.2.2.5. *Matias*

45 anos, altura mediana, pele morena queimada do sol, cabelo curto preto, Matias é um dos fundadores da Horta Comunitária. Sempre alegre e comunicativo, gosta de estar em meio às pessoas e a natureza. Gosta do braçal mas sabe muito como relaxar e tirar momentos de descanso. Apesar de sua pouca instrução educacional, está sempre disposto a aprender com as pessoas mais novas e possui inteligências práticas apuradas. Se veste de maneira funcional e simples, sempre pronto para realizar algum trabalho pesado ou apenas estar confortável com o ambiente ao redor. Possui grande respeito pela natureza e se incomoda com aqueles que a destroem. Gosta de música e trabalhos manuais, além de tomar uma cerveja nos intervalos de seu trabalho ou ao final do dia.

### 6.3. TERCEIRA HISTÓRIA

#### 6.3.1. Principais

##### 6.3.1.1. *Clarice*

25 anos, pele preta, cabelo cacheado preto, altura mediana, é a protagonista da terceira e última história. Clarice é uma filmmaker recém formada na graduação



de Cinema e Audiovisual, e agora trabalha em uma agência de publicidade da cidade. Sempre criativa e autêntica nos seus processos de montagem, Clarice gosta de experimentar e exaltar temas que são importantes para sua personalidade.

Possui uma inclinação artística apurada, se estendendo para outras artes como música e escrita. Toca violão regularmente mas faz disso apenas um hobby. De vez em quando, se encontra com a sua vizinha, Dona Sônia, uma senhora que gosta da companhia de Clarice e vez ou outra trocam conversas rotineiras.

Em seu tempo livre, gosta de assistir muitos produtos audiovisuais e de aprender coisas novas. Costuma frequentar eventos culturais e percorrer toda a extensão da tríplice fronteira, eventualmente indo até Ciudad del Este e Puerto Iguazu. Sua família mora em outro estado e Clarice os visita regularmente. Possui um estilo casual, gosta de roupas leves e confortáveis, mas se apresenta de maneira autêntica seja com algum acessório específico ou paleta de cores em suas roupas.

No desenrolar da trama, Clarice precisa lidar com as dificuldades e limites criativos que o seu atual trabalho impõe, criando uma aversão e dificuldade em se adequar a um certo perfil profissional exigido por seu chefe, Vitor. Ao longo dos dias, ela retoma seu olhar e atenção para os seus arredores próximos, despertando em seu processo criativo o cultivo das coisas que são importantes.

### 6.3.2. Secundários

#### 6.3.2.1. *Vitor*

40 anos, altura mediana, esguio, barba feita, cabelo preto curto, Vitor é um dos sócios proprietários da agência de publicidade na qual Clarice trabalha. Sério, sempre mantendo a postura, Vitor se identifica como um profissional modelo tradicional, incorporando em sua vida íntima e profissional ideias e valores meritocráticos, se auto validando a partir de uma masculinidade reacionária, mas expressando suas ideias de maneira velada. Se veste de forma esportiva e tradicional, sempre evocando uma presença empresarial e monocromática.

### 6.3.2.2. *Dona Sônia*

75 anos, baixa, pele negra, cabelo curto, óculos de grau, Dona Sônia é a vizinha de Clarice. Amável, sábia e atenciosa, passa a maior parte do tempo cuidando de suas diversas plantas espalhadas pelo seu quintal. É caseira a maior parte do tempo, mas gosta de caminhar e ir em giras no terreiro de umbanda próximo. Mora sozinha e dedicada a maior parte do seu tempo em hobbies de passatempo. Recebe visitas regulares de seus familiares e de tempos em tempos se encontra com Clarice para tomarem um café ou fazerem uma refeição juntas.

## 7. TEMPO E ESPAÇO

### 7.1. TEMPO

O tempo e espaço são indissociáveis ao momento presente de escrita desse projeto, pois abordam justamente um contexto contemporâneo a ser desenvolvido, analisado e discutido durante a narrativa fílmica presente no roteiro. Assim, a história se passa na década de 2020, num período posterior ao da pandemia de Covid19, e consequentemente, após os eventos de retomada à uma normalização dos modos de vida gerais. Enquanto períodos narrativos, o tempo é específico para cada história trabalhada.

De maneira mais precisa, o tempo dos acontecimentos vai acompanhar a rotina das personagens, onde veremos suas pausas, conflitos e ações a serem desenvolvidas ao longo do dia. Montagens e elipses temporais serão elaboradas com o intuito de referenciar a passagem do tempo e os acontecimentos presentes na cidade, a fim de nos aproximarmos do ritmo presente no dia a dia da cidade. Dessa forma, veremos as diferentes temporalidades vividas pelos trânsitos e permanências dos indivíduos da cidade, caracterizando uma perceptível diferenciação entre a passagem de tempo nos lugares de consumo, turismo e trabalho com a vivência íntima e cotidiana. Outra relação importante com o tempo narrativo são os momentos de pausa e contemplação, que justamente existem como contraponto à velocidade da vida contemporânea, e mais especificamente nos

momentos de trabalho nas cenas de déficit de atenção causadas pelos hiper estímulos.

Como outro elemento temporal fundamental e comum a todas as histórias, o verão é a estação unificadora das tramas. Essa escolha parte de motivos pessoais e consequentemente servem para ressaltar as dificuldades, motivações e desejos de alguns personagens. Sobre a personalidade, o verão de Foz do Iguaçu é marcante pra mim por seu caráter extremo da temperatura, visto que sou natural de São Paulo, o clima em Foz me surpreendeu de diversas maneiras, de forma negativa e positiva, assim como os meios necessários buscados para aliviar as sensações do tempo, seja no frio abaixo de zero ou no calor escaldante do verão.

No que diz respeito às histórias, cada trama possui uma temporalidade particular no que consiste na passagem dos dias. Na história de Marcos e Helena, o enredo se desenvolve em poucos dias, aproveitando os acontecimentos da rotina que são apresentados de maneira linear durante toda a extensão do período de um dia. Ao final, as situações não passam de duas semanas, e a maior parte da mudança do tempo pode ser percebida ao final da história através de uma montagem de cenas.

Na história de Cesar, os eventos se desenvolvem em poucos dias, não passando de uma semana. Como artifício comum, a rotina durante o período de um dia é exaltada para melhor aprofundar a vida íntima do personagem e suas relações. Por fim, igualmente como a história de Helena e Marcos, a trama de Clarice se desenrola no período de não mais de duas semanas, com o foco igualmente na integridade da rotina.

## 7.2. ESPAÇO

Toda a narrativa do projeto se desenvolve na cidade de Foz do Iguaçu e sua região de tríplice fronteira. Sobre espaço, argumento a partir de escolhas que foram essenciais para minha justificativa em desenvolver a história. Primeiro, sobre uma perspectiva intimista e pessoal, Foz é o espaço onde habito, onde me transformei de um mero passante para um morador, memorizando nomes de ruas, horários de ônibus e a previsão do tempo. Assim, os lugares entre esses espaços dentro da cidade me são muito familiares, fazendo com que eu possua certa propriedade em falar sobre eles.

Segundo, como já abordado no Tempo narrativo do projeto, Foz é uma cidade de muitos trânsitos e fluxos. Diversas motivações e interesses fazem com que os habitantes e passantes da cidade permaneçam ou saiam daqui: compras, turismo, estudo, trabalho, etc. Mas como isso pode ser um fator específico da cidade? Existe algo que faça com que a cidade de Foz tenha uma vocação que justifique esse constante fluxo de pessoas? O argumento mais óbvio a princípio é que a Foz é uma cidade fronteiriça, o hibridismo cultural se torna uma característica muito peculiar desse espaço, além de que, essa relação fronteiriça não só carrega um vínculo natural e de infraestrutura em comum (Rio Paraná, Cataratas, Itaipu), como econômico devido ao maior centro comercial varejista da América Latina. A partir dessas ideias, a cidade parece desenvolver uma relação muito própria com o turismo, apresentando quase como uma vocação natural e intrínseca.

Dessa forma, a cidade é vendida como um grande produto a ser consumido, fazendo com que ignoramos seu caráter de lar. E para além de uma construção narrativa veiculada por um grupo que detém o controle midiático de propagandas da cidade, existe um outro fator intrínseco que sustenta esse caráter de Foz ser uma cidade de fluxos e passagens, e que está diretamente ligada ao discurso propagandista de turismo: a ideia de “não-lugar”.

No mundo contemporâneo, estamos acostumados a diariamente nos deslocarmos por lugares de passagem, e às vezes, na maior parte do dia a dia, passamos mais tempo nesses espaços do que nos destinos dessas viagens. Transporte público, supermercados, shoppings, espaços onde o indivíduo pós moderno transita todos os dias. Esses espaços são muito comuns na cidade de Foz, justamente por possuírem esse caráter comercial ou turístico. O aeroporto, a

rodoviária, os hotéis, espaços comuns que abrigam esses seres em trânsito motivados em consumirem as possibilidades dessa cidade passageira. Esses espaços são o que o antropólogo francês Marc Augé denomina de “não-lugar”.

A hipótese aqui defendida é a de que a supermodernidade é produtora de não-lugares, isto é, de espaços que não são em si lugares antropológicos [...] Um mundo onde se nasce em uma clínica e se morre em um hospital, onde se multiplicam, em modalidades luxuosas ou desumanas, os pontos de trânsito e as ocupações provisórias (as cadeias de hotéis e os terrenos invadidos, os clubes de férias, os acampamentos de refugiados, as favelas destinadas aos desempregados ou à perenidade que apodrece), onde se desenvolve uma rede cerrada de meios de transporte que são também espaços habitados, onde o frequentador das grandes superfícies, das máquinas automáticas e dos cartões de crédito renovado com os gestos do comércio ‘em surdina’, um mundo assim prometido à individualidade solitária, à passagem, ao provisório e ao efêmero [...] (AUGÉ, 2015, pg 73)

O caráter impermanente dos não-lugares reforça o argumento de um sentimento de não familiaridade, nos sentimos deslocados, não pertencente a esse espaço, e por mais que tenhamos relações de permanência motivados por trabalho ou estudo, constantemente somos bombardeados pelos diferentes fluxos que nos atravessam, e observar os outdoors de produtos da janela do ônibus enquanto passamos pelo trecho da ponte da amizade faz com que lembremos quais tipos de desejos e motivações são reforçados por aqui.

A partir dos argumentos citados acima, descrevo os espaços essenciais que serão desenvolvidos na narrativa. De uma forma geral, busco explorar amplamente os não-lugares de Foz, justamente por serem espaços fundamentais nas rotinas das personagens, e principalmente por protagonizarem seus locais de trabalho.

Os ambientes de união entre as personagens estão justamente nos espaços de cruzamento da rotina trabalhista deles. Assim, os não-lugares em comum passam a ser ressignificados, e uma busca por “lugares-lares” se faz necessária. Os espaços naturais para além do urbano também serão importantes para a narrativa, caracterizando ambientes de contemplação e relaxamento que serão fundamentais para a transformação das personagens enquanto experienciar novamente os não-lugares rotineiros.

## 8. RELATÓRIO CRÍTICO

A elaboração deste trabalho de conclusão de curso possui uma história de desenvolvimento muito singular, pois muitas mudanças ocorreram através do seu processo desde sua idealização até a obra final que lhes apresento agora. O que posso ressaltar desde o começo deste relatório, é que o processo de concepção de uma ideia possui características muito particulares para cada pessoa que o faz, e por mais que existam processos que fazem com que algumas ideias sejam melhor estruturadas dentro de um esquema de organização, o controle escapa diante da realidade dos acontecimentos da nossa vida, e somos obrigados a encarar aquilo que conseguimos controlar e aquilo que não conseguimos.

Tudo se inicia em 2023, eu participava de um grupo de TCC II para realizar um projeto prático de curta metragem, e atuaria na posição como diretor e roteirista. No momento da matrícula nós não tínhamos ideia sobre qual assunto ou roteiro gostaríamos de desenvolver, mas pensamos em realizar algo que fosse comum a todos os membros da equipe, e que de alguma forma homenageasse nossa passagem pela cidade de Foz do Iguaçu. Assim, pensei em trabalhar em cima de temas que abordassem o fluxo e a transitoriedade de pessoas que passam por Foz, seu tempo de permanência, suas motivações e impressões da cidade.

O processo de escrita do TCC II se desenvolveu, todavia, eu não consegui desenvolver o roteiro, não enxergava os personagens e nem a estrutura narrativa que apresentaríamos a história. A premissa falava sobre um motorista de aplicativo que faria três viagens pela cidade de Foz levando clientes singulares que caracterizariam uma forma de permanência específica com a cidade: turistas, um muambeiro e uma senhora moradora da cidade. Lazer, trabalho e lar. Separei muitas referências do cinema asiático, europeu e latinoamericano, além de reunir uma lista de road movies a serem trabalhados como referência.

Por motivos pessoais e compartilhados, o grupo decidiu não dar continuidade no projeto prático, e reprovamos no TCC II. Me senti culpado e triste pelo ocorrido, pois minha opinião e fala tinha muito peso devido o meu papel como diretor e

roteirista do projeto. Não me arrependo da escolha, mas até o momento em que escrevo esse relatório me sinto em dívida com as pessoas que fizeram parte do meu grupo, e agradeço imensamente a cada um por ter aceitado participar, mesmo que brevemente, na realização da ideia de um projeto que, se não fosse por ele, eu não conseguiria ter finalizado o meu trabalho.

No processo de defesa da direção do projeto, me envolvi em diversas leituras acadêmicas que falavam sobre o cinema de fluxo, a relação das personagens com as cidades e os corpos no mundo contemporâneo. Na época, os nossos orientadores, o professor Eduardo e a professora Virgínia, trouxeram artigos riquíssimos sobre fluxos, fronteiras e cidades, além de trazerem textos que analisam as próprias narrativas cinematográficas na cidade de Foz do Iguaçu. Esses textos me influenciaram a escrever e pensar a justificativa desse projeto, todavia, no momento em que abandonamos o grupo de TCC II, priorizei finalizar meu trabalho em outros projetos audiovisuais em que eu estava participando, para depois focar integralmente no meu TCC.

Quando novamente me matriculei no TCC II, eu tinha decidido realizar uma monografia, mas ainda sim tinha dúvidas sobre qual tema trabalhar. O professor Dinaldo aceitou ser meu orientador, e demos início aos trabalhos assim que o semestre se iniciou. Nessa mesma época comecei a monitoria, agora como bolsista, da disciplina de Teorias I. Tivemos poucas reuniões de orientação devido a ausência de direção sobre qual tema eu iria trabalhar, e com o passar do tempo, estudei a possibilidade de mudar para orientação para começar a ideia a desenvolver uma ideia de roteiro que eu tinha pensado, e foi assim que a professora Clarissa começou a minha orientação.

Quando uma ou mais ideias estão latentes e surgem na superfície, pode ser muito difícil escolher em qual delas trabalhar, e acredito que com o processo de escrita desse projeto eu pude revisitar uma das minhas maiores dificuldades perante a elaboração de um projeto criativo: as decisões. A gestão do tempo é fundamental para a criação da base fundacional das ideias que surgem, e isso foi algo que eu acabei negligenciando justamente pela incapacidade de tomar uma decisão e seguir firme nela.

Ao iniciar os trabalhos com a professora Clarissa eu possuía uma ideia de piloto de minissérie, mas os assuntos sobre fluxo, cidade e transitoriedade ainda estavam pulsantes no meu imaginário. O tempo passou e finalmente acabei abraçando os temas que permearam meu processo de escrita desde o começo do projeto prático que não aconteceu. Ao fim do semestre passado eu apresentava o meu TCC II, um projeto de roteiro de longa metragem sobre a aproximação de um casal na cidade de Foz devido suas relações de trabalho, e como fundamentação teórica base eu utilizei o ensaio filosófico de Byung Chul Han, *A sociedade do cansaço*.

Como foi comentado durante a minha banca, a história carecia de fundamentação estilística pois entrava em contradição com as propostas de se trabalharem elementos do melodrama e o cinema de fluxo. Havia um impasse de sentido, onde a própria força motriz da narrativa se perdia pelos escapes que os personagens conseguem realizar para fugir de um ambiente opressivo que eu gostaria de apresentar na trama. Foi apontado também que eu precisaria decidir entre escrever uma narrativa mais aristotélica ou mais contemporânea, além de considerar o final da história, pois o saldo positivo era muito maior do que as problemáticas apresentadas no universo diegético da trama.

Considerei todos esses pontos e comecei a trabalhar na orientação, devia tomar a decisão de qual abordagem trazer para que a história se desenvolvesse e fizesse sentido dentro do que eu gostaria de falar. Novamente reli o texto de Han e retornei com minhas atividades cinéfilas para buscar mais inspirações, além de ler alguns textos acadêmicos que outrora tinham rendido boas ideias. Assisti a alguns filmes apontados pela banca como *A Outra Margem* (2015) de Nathália Tereza e *Trabalhar Cansa* (2011) de Juliana Rojas, que me ajudaram a pensar a existência das personagens na cidade e suas relações com o trabalho. Porém, uma situação foi crucial para que eu tomasse a decisão de decidir a ideia que eu apresento nesse projeto.

Por forças maiores, tive que voltar para São Paulo, deixando Foz para trás e encarando a realidade de que eu teria que pensar todo o meu projeto de maneira



remota. Isso mudou totalmente o meu processo criativo, pois estando na cidade meu plano era mergulhar nas histórias dos personagens e conhecê-los fazendo uma abrangente pesquisa de campo. Estar presente fisicamente significava a materialização da vivência necessária que eu precisava para continuar construindo o roteiro. Assim, entendendo as minhas limitações, o fluxo criativo seria ditado agora apenas pelas lembranças e memórias que eu tinha da cidade.

Valia a pena continuar com essa história sendo que nem em Foz eu estava? A saudade tomava conta e a angústia bloqueava qualquer ideia produtiva que eu tivesse. Mas obviamente eu não podia parar, e decidi trabalhar em cima de todos os sentimentos de saudade, usando a memória a meu favor. Por um tempo, ficar retornando meus pensamentos para Foz era quase que um autoflagelo, mas meu tempo ainda não havia acabado, meu ciclo como estudante na Unila só acabaria quando eu entregasse meu projeto finalizado.

Abraciei as limitações temáticas que havia pensado e continuei com o trabalho de pensar em uma trama que acontece na cidade. Através da orientação, percebi as dificuldades do argumento que eu havia apresentado na banca do TCC II e segui os apontamentos dados pelo Fábio e Eduardo. Abri mão de uma narrativa de fluxo, assim como de um melodrama, e foquei no desenvolvimento de uma história aristotélica, porém não visando a comédia. Revisitei a minha antiga ideia do motorista de aplicativo em Foz e decidi reaproveitar os personagens, o argumento e todo o material teórico. Revisitei filmes como *Alice nas Cidades* (1974), *No Decurso do Tempo* (1976), *Táxi Teerã* (2015), *Ten* (2002) e *Táxi Driver* (1976) para obter inspirações sobre a passagem das cidades e o protagonismo de um motorista transitório que por vezes se relaciona com os cidadãos num breve intervalo de tempo e intimidade.

A história começava a tomar forma, e junto à minha saudade a ideia do roteiro se transformou em uma despedida da cidade. A transitoriedade era o tema principal da trama, a impermanência da vida e dos ciclos. Mas ainda sim, o tema carecia de especificidade, e em um primeiro desenvolvimento de escaleta a linearidade e tamanho dos acontecimentos se resumia a um roteiro de curta. Eu ainda não

possuía os elementos necessários para trabalhar os temas que eu tinha me proposto a desenvolver.

O momento chave da escrita desse processo ocorreu quando eu meditei sobre todas as minhas escolhas feitas até então, decidindo de maneira inegociável manter escolhas e não voltar atrás. Assim, reuni todas as informações que eu tinha para conseguir afunilar e sintetizar em conceitos específicos que eu estava decidido em trabalhar. Meu tempo em Foz havia acabado, a aceitação da minha passagem pela cidade começou a se tornar uma realidade, e de repente a visão da transitoriedade melancólica não fazia mais tanto sentido.

Desde o princípio, meu desejo com as ideias até então consistiam em olhar para o mundo no tempo presente e entender algumas problemáticas que estavam dissolvidas na nossa vida cotidiana. A relação positivista no trabalho apontada no ensaio da sociedade do cansaço foi o marco definidor para que eu botasse em prática a criação de personagens que seriam regidos por suas relações exaustivas de trabalho. Em certo momento, olhei para o roteiro do motorista em Foz uma última vez e percebi que não valeria a pena continuar com essa ideia se eu não pudesse estar na cidade para de fato conhecer os personagens da história. Mas o personagem do motorista estava bem desenvolvido e parecia interessante demais para não ser descartado. Ele definitivamente faria parte da história.

Bastou pensar novamente na cidade e em suas peculiaridades que voltei para novos meios de buscar referências e inspirações. Durante meu tempo em Foz, pratiquei regularmente a escrita de Haikais, pequenas poesias com origem no Japão que discorriam sobre a passagem de tempo e a natureza. Revisitei um caderno com alguns haikais que eu escrevi como exercício cotidiano de percepção e memória, onde os pequenos acontecimentos rotineiros eram evidenciados dia após dia como num diário, tal qual o protagonista de *Dias Perfeitos* (2023) de Wim Wenders, filme que me serviu de referência estrutural e sensorial para momentos da história desse projeto.

Olhando para a simplicidade dos acontecimentos, busquei refrescar minhas inspirações com obras que trabalhavam o cotidiano das cidades e seus

acontecimentos ordinários. *Chuva* (1929) de Joris Ivens e *Um Homem com uma Câmera* (1929) de Dziga Vertov, dois belíssimos filmes e pioneiros em suas propostas, fizeram com que eu olhasse novamente para a relação dos cantos e espaços da cidade, e conseqüentemente, como os cidadãos transitam pelos ambientes e como percebem suas paisagens. Seguindo uma relação cronológica de referências temáticas, *Tempos Modernos* (1936) de Charlie Chaplin, me despertou novamente as relações dos corpos dos trabalhadores em um cenário industrial opressivo e automatizado. Me parecia uma relação muito impactante de como o *modus operandi* do capitalismo contemporâneo agia sobre a sociedade, dessensibilizando nossos corpos através da economia da atenção, que agora não era mais causada por agentes externos, mas sim internos. Assim, eu precisava encontrar outros personagens que reforçassem as ideias que até então eu havia estabelecido.

Não conhecendo os outros personagens, tirei das minhas vivências e memórias as figuras que eu já tinha conhecido, um amigo, um parente, um completo desconhecido, pessoas que eu havia me relacionado e caracterizavam os exemplos presentes nas ideias da sociedade do cansaço, além de que uma parte de mim começou a aparecer em cada um deles. Foi então que os outros personagens apareceram. Eles possuíam uma carga específica para trabalharem o tema da sensorialidade e do cansaço, merecendo cada um uma história particular. Voltei a buscar inspiração nos cinemas mundiais, em filmografias que trabalham a existência de histórias paralelas e que de alguma forma são ligadas por uma abordagem temática, como uma antologia. Dessa forma, pensei três histórias a partir de personagens que de alguma forma eram familiares para mim, e cada um deles trabalharia em sua particularidade a sensibilidade dos cinco sentidos humanos.

O terceiro e último elemento fundamental para a construção do roteiro foi baseado num conceito antropológico que eu gostaria de me aprofundar mais, mas tive a chance de discorrer brevemente sobre: os não lugares. O conceito desenvolvido pelo antropólogo Marc Augé aborda os espaços transitórios da sociedade moderna, onde o anonimato e as relações de comércio e capital são inerentes: shoppings, aeroportos, rodoviárias, restaurantes, estradas, espaços de transição. A partir daí, os filmes de Jim Jarmusch, Wong Kar Wai e Tsai Ming-Liang

retomavam presença nas minhas inspirações, e em especial *Vive L'amour* (1994) e *Felizes Juntos* (1997) traziam ideias pontuais que abracei no meu processo criativo, uma obra trazia a solidão e melancolia da cidade contemporânea e o outro revelava os espaços transitórios com boa aproximação estética (a trama se passa na tríplice fronteira).

Em minha pesquisa sobre as narrativas da cidade de Foz, o imaginário criado pelos detentores dos meios de produção audiovisuais e de marketing projetava uma cidade turística, símbolo de descobrimento e maravilhas. A necessidade do rompimento de narrativas hegemônicas se faz presente e acontece pelos cantos e margens, e eu trouxe uma resignificação da imagem da cidade através do próprio movimento geográfico transitado pelas personagens, evidenciando o peso e a responsabilidade de alguns espaços opressivos, símbolos do capital, e lugares afetivos e transformadores, como meios de processo de redenção desses personagens.

Reunido os fundamentos necessários, iniciei novamente os trabalhos com reuniões regulares com a professora Clarissa, que pacientemente me guiou para que eu chegasse em decisões construtivas e criativas. O trabalho aqui apresentado possui mudanças significativas na história apresentada na banca anterior, mas mantenho minha justificativa e intenções presentes na elaboração do tempo e espaço, assim como a base da minha fundamentação teórica. Escrevendo e reescrevendo dia após dia, os finais das histórias, assim como a ordem de organização delas passou por diversas atualizações. Sinto que o processo de orientação com a professora Clarissa ocorreu como um limite necessário para o meu insaciável desejo de novas ideias e minha dificuldade em tomadas de decisões criativas.

Aprendi muitas coisas durante o processo de escrita, coisas que eu achava que tinha conhecimento mas que foram escancaradas com a minha ignorância. Talvez o maior ensinamento tirado é que eu não consigo abraçar o mundo. Em muitos momentos me dediquei na execução e resolução de problemas de trabalhos externos e projetos que eu estava participando. Sempre fui responsável no cumprimento das minhas obrigações, todavia me faltava a sensibilidade e o foco

para olhar para o que era fundamental para o meu crescimento e que cabia à minha responsabilidade. O equilíbrio entre saber manter os pés no chão e viajar de maneira flexível em todos os campos da minha vida se tornou um objetivo primordial, que eu levarei para a vida.

O tempo aqui em São Paulo fez com que eu olhasse novamente para dentro de mim, e revirando as dificuldades e comportamentos nocivos da minha personalidade, percebi o quão grato eu sou por conseguir identificar e poder iniciar meus trabalhos de responsabilização e maturidade. Eu agradeço imensamente a todos os momentos de dificuldades que eu tive na elaboração deste projeto desde o seu início. Nesse momento finalizo a criação do meu primeiro roteiro de longa metragem, e me sinto imensamente satisfeito e realizado.

Por fim, agradeço por todo o processo transformador durante esses meses de escrita e reflexão. Ainda que o cansaço e a exaustão me cobrassem a todo o instante, isso só serviu de inspiração direta para que eu pensasse o universo da minha história e como os personagens vivem nele. Foi uma longa jornada até aqui, mas ainda há muito que ser feito. O final desse ciclo reflete meu processo de autoconhecimento necessário que influencia e compartilha os ideais dos temas em que trabalhei. É preciso paciência, foco, dedicação e atenção plena para que as coisas sejam bem feitas. Sinto que assim como meus personagens são transformados, eu me encontro neste período de autoavaliação e mudanças.

## 9. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARISTÓTELES. **Poética**. tradução: Eudoro de Souza. São Paulo: Abril Cultural, 1979. (Os Pensadores)

AUGÉ, Marc. **Não Lugares**. 9 ed. Campinas: Papyrus, 2012. 112 pp. ISBN 978-85-308-0291-2

CALEGARI, A. E. S.; DOTI, M. M. **A SOCIEDADE DO CANSAÇO NO CONTEXTO BRASILEIRO PÓS PANDEMIA**. Revista Interface Tecnológica, [S. l.], v. 19, n. 2, p.

476–488, 2022. DOI: 10.31510/infa.v19i2.1530. Disponível em: <https://revista.fatectq.edu.br/interfacetecnologica/article/view/1530>. Acesso em: 26 set. 2024.

COMPARATO, Doc. **Da criação ao roteiro: teoria e prática**. 2. ed. rev., atual. e ampl. São Paulo, SP: Summus, 2009.

CORMAN, Manuel Joseph. **AUDIOVISUAL COMO INSTRUMENTO DE DIVERSIFICAÇÃO DA MEMÓRIA DO LUGAR E SUAS NARRATIVAS** - discussão para a região de Foz do Iguaçu; 2021; Trabalho de Conclusão de Curso; (Graduação em Cinema e Audiovisual) - Universidade Federal da Integração Latino-Americana; Orientador: Virginia Osorio Flores;

CUNHA, Emiliano Fischer **Cinema de fluxo no Brasil** : filmes que pensam o sensível / Emiliano Fischer Cunha – 2014.

Gilles Deleuze. **L'Image-temps (I-T)**. Paris: Minuit, 1985. Trad. Roberto Machado

HAN, Byung-Chul. **Sociedade do cansaço**. Tradução de Enio Paulo Giachini. Petrópolis: Vozes, 2015.

MACHADO, Roberto. **Deleuze e a crise do cinema clássico** / 2010

MARTINS, India Mara. Transitoriedade e permanência nos espaços em Wong Kar Wai. **contemporanea | comunicação e cultura** - v.11 – n.01 – jan-abril 2013 – p. 173-188

McKEE, Robert. **Story: substância, estrutura, estilo e os princípios da escrita de roteiros**. tradução: Chico Marés. Curitiba: Arte & Letra, 2006

RIBEIRO, Danilo George. **Metamorphosis in the city: tensions and conflicts in the urban space process of production and appropriation**. 2015. 266 f. Dissertação (Mestrado em Fronteiras, Identidades e Políticas Públicas) - Universidade Estadual do Oeste do Parana, Toledo, 2015.

SARAIVA, Leandro; CANNITO, Newton. **Manual de roteiro**, ou Manuel, o primo pobre dos manuais de cinema e TV. São Paulo: Conrad, 2004.

SOUZA, Aparecida Darc de. **Formação econômica e social de Foz do Iguaçu: um estudo sobre as memórias constitutivas da cidade (1970-2008)**. 2009. Tese (Doutorado em História Econômica) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidad de São Paulo, São Paulo, 2009. doi:10.11606/T.8.2009.tde-21102013-162826. Acesso em: 2024-09-26.

VIEIRA JR., Erly. **Realismo sensório no cinema contemporâneo** [recurso eletrônico] / Erly Vieira Jr. - Dados eletrônicos. – Vitória, ES : EDUFES, 2020. 241 p.



## 10. REFERÊNCIAS FILMOGRÁFICAS

ALICE nas cidades. Direção: Wim Wenders. Alemanha. 1974. (110 min).

- A Outra Margem. Direção: Nathália Tereza. Brasil. 2015. (26 min).
- CAFÉ Lumiere. Direção: Hou Hsiao Hsien. Japão. 2003 (99 min).
- COMRADES Almost a love story. Direção: Peter Chan. Hong Kong. 1996. (118 min).
- CHUNKING Express. Direção: Wong Kar Wai. Hong Kong. 1994. (103 min).
- CHUVA. Direção: Joris Ivens. Países Baixos. 1929. (14 min).
- DIAS Perfeitos. Direção: Wim Wenders. Alemanha, Japão. 2023 (125 min).
- ESTRANHOS no paraíso. Direção: Jim Jarmusch. Estados Unidos. 1984. (86 min).
- FALLEN Angels. Direção: Wong Kar Wai. Hong Kong. 1995. (99 min).
- FELIZES Juntos. Direção: Wong Kar Wai. Hong Kong. 1997. (96 min).
- NO Decurso do Tempo. Direção: Wim Wenders. Alemanha Ocidental. 1976. (176 min).
- O ESTADO das coisas. Direção: Wim Wenders. Alemanha Ocidental, Portugal. 1982. (117 min).
- SOBRE Cafés e Cigarros. Direção: Jim Jarmusch. Estados Unidos. 2003. (95 min).
- TÁXI Teerã. Direção: Jafar Panahi. Irã. 2015. (82 min).
- TÁXI Driver. Direção: Martin Scorsese. Estados Unidos. 1976. (113 min).
- TEMPOS Modernos. Direção: Charlie Chaplin. Estados Unidos. 1936. (86 min).
- TEN. Direção: Abbas Kiarostami. França, Irã. 2002. (93 min).
- THREE Times. Direção: Hou Hsiao Hsien. Taiwan. 2005. (129 min).
- TRABALHAR Cansa. Direção: Juliana Rojas. Brasil. 2011. (100 min).
- TREM Mistério. Direção: Jim Jarmusch. Estados Unidos. 1989. (111 min).
- UMA noite na terra. Direção: Jim Jarmusch. Alemanha, Estados Unidos, França, Japão, Reino Unido. 1991. (123 min).
- UM Homem Com Uma Câmera. Direção: Dziga Vertov. União Soviética. 1929. (68 min).
- VIVE L'amour. Direção: Tsai Ming-Liang. Taiwan. 1994. (118 min).

## 11. ANEXOS


## 11.1. PROTOCOLO DE REGISTRO DE ROTEIRO NA BIBLIOTECA NACIONAL

**gov.br** [Minhas solicitações](#) [Meus compromissos](#) [Meu cadastro](#) [Dúvidas? Clique Aqui](#)  Olá, GABRIEL DE FRANCA GONCALVES 

Portal da Sociedade

---

**Registrar ou Averbar Direitos Autorais**


 **ETAPA: Confirmar Dados**

N.º do Protocolo da Solicitação	Data de Início	Data Limite
000984.0163906/2024	24/09/2024	24/10/2024

---

CPF	CNPJ	Nome
464.776.438-98		GABRIEL DE FRANCA GONCALVES
E-mail	Tipo de Solicitação	
gabrielfrancag@hotmail.com	Registro de obra ou Averbação	

---

**Formulário de Requerimento para registro ou averbação** 

Tipo de solicitação

Requerimento para registro

Nº do protocolo

000984.0163906/2024

## 12. ROTEIRO



CRÔNICAS DA DESATENÇÃO

Drama; Slice of life

Gabriel França

4º tratamento

[gabrielfrancag@hotmail.com](mailto:gabrielfrancag@hotmail.com)

2024

1. EXT. QUEDAS DAS CATARATAS DO IGUAÇU - DIA (SONHO)

PRIMEIRA HISTÓRIA

FADE IN

Aos poucos, é revelado a imagem das Cataratas, a grande vazão de água que escorre por entre as pedras. Gotas e gotículas de água viajam pelo espaço, refletidas pelo sol. Não há som presente, apenas o movimento das águas em silêncio.

De repente, uma RESPIRAÇÃO, leve e ritmada. O sol brilha radiante no céu. A imagem se desfaz enquanto a respiração continua.

FADE OUT

2. INT./EXT. CARRO DE MARCOS / AEROPORTO DE FOZ DO IGUAÇU - ESTACIONAMENTO - DIA (VOLTA AO PRESENTE)

Suor escorre da testa de MARCOS, (28), pele morena, cabelo preto, usa calça, camiseta básica, relógio, tênis. Encontra-se cochilando no banco reclinado do motorista. Saliva cai de sua boca semi aberta. Os aviões chegam e partem da pista de aterrissagem do aeroporto. Marcos ajeita seu corpo torto para o lado da janela. RONCA baixo.

No estacionamento, alguns carros estão estacionados de maneira aleatória. Uma pessoa sai de seu carro e vai em direção ao aeroporto. Outra entra em seu carro, dá partida e vai embora.

O carro de Marcos, de categoria popular com a cor preta e recém lavado está estacionado, isolado, não há carros nas vagas laterais.

O ALARME do celular de Marcos toca. Marcos desperta de seu sono profundo de maneira truculenta e agitada. Pega o celular de um suporte acoplado numa das saídas de ar condicionado e desliga o alarme.

Olha ao redor, limpa a baba de seu rosto, da uma ajeitada na sua aparência nos espelhos retrovisores. O interior do carro está limpo e organizado, com aparência brilhosa. Num compartimento próximo ao câmbio estão alguns trocados, um MOLHO DE CHAVES, alguns PEN DRIVES e um QR CODE.

Marcos se alonga brevemente e faz uma cara de desconforto e dor ao passar as mãos pela coluna e pelo pescoço. Pega o celular, entra num aplicativo de corridas.

Um ALARME DE NOTIFICAÇÃO de uma corrida do aplicativo é emitido. Marcos aceita a viagem. Da a partida no carro, liga o som e sai.

## 3. INT./EXT. CARRO DE MARCOS / CIDADE DE FOZ - DIA / NOITE

Uma música começa a tocar. **"Tudo o que você podia ser" do Milton Nascimento.**

MONTAGEM - MARCOS TRABALHANDO

AV DAS CATARATAS, placas indicando as Cataratas do Iguazu; fachadas de resorts; outdoors de lojas do Paraguay e atrações turísticas; hotéis de luxo.

Marcos dirigindo com cliente no banco traseiro.

MARCO DAS 3 FRONTEIRAS, estacionamento cheio, turistas na entrada na roda gigante.

AV BRASIL, estabelecimentos e feirinhas funcionando, pessoas indo e vindo com sacolas, caminhando ou na entrada das lojas esperando.

AV JK, ambulantes vendendo chipa no semáforo; pessoas esperando ônibus em ponto;

Marcos dirigindo, agora com outro cliente.

BR 277, timelapse de entardecer no fluxo da aduana brasileira da Ponte da Amizade.

CRUZAMENTO AV PARANÁ COM AV COSTA E SILVA E AV REPÚBLICA ARGENTINA, timelapse dos carros e movimento noturno até a chegada da noite.

FIM DA MONTAGEM

## 4. EXT. LANCHONETE DA TIA - CALÇADA - MADRUGADA

Algumas mesas e cadeiras de plástico estão organizadas em frente a lanchonete do centro da cidade, o único estabelecimento da rua aberto.

Marcos está sentado sozinho comendo um SHAWARMA e tomando um refrigerante. Ele boceja entre uma mordida e outra.

Em uma outra mesa, dois homens hispanos com instrumentos musicais bebem cerveja e TOCAM ALGUMA MÚSICA latina. Marcos observa por um momento a cena e em seguida coça os olhos, se levantando.

Um carro se aproxima da lanchonete. Dentro do carro vemos ANTÔNIO, (58), alto e esguio, cabelo grisalho com entradas, estaciona seu carro na calçada da lanchonete. Ele sai do carro, encontra Marcos e acena com sua cabeça.

ANTÔNIO

Eai, ta indo embora já? Agora que eu cheguei.

MARCOS  
(sonolento)  
To quebrado toninho.

ANTÔNIO  
Oloco pía. Fica ai, bora tomar uma  
gelada. Eu pago.

MARCOS  
Fica pra próxima, beleza? Boa  
noite.

ANTÔNIO  
Ta certo então. Boa noite pía.

Marcos sai da lanchonete. Antônio puxa uma cadeira e se senta. A dona do estabelecimento prepara um shawarma. Os músicos dão uma pausa e conversam na deles.

5. INT. APARTAMENTO DE MARCOS - ESCADARIA - MADRUGADA

Marcos carrega algumas sacolas pesadas de mercado. Chega até o primeiro degrau de alguns lances de escada e começa a subir.

No meio do caminho, para, deixa as sacolas no chão e respira pesadamente colocando suas mãos em sua coluna.

Depois de alguns segundos, pega as sacolas e volta a subir as escadas.

6. INT. APARTAMENTO DE MARCOS - SALA - MOMENTOS DEPOIS

Em uma sala pequena com poucos móveis, Marcos está sentado num sofá de dois lugares mexendo despretensiosamente em seu celular vendo VÍDEOS CURTOS em uma rede social.

O GATO malhado laranja de Marcos se aproxima do sofá, se esfregando em um dos pés da mesa de centro. Depois, sobe no colo de Marcos e começa a receber carinho em suas costas e cabeça.

Marcos fazendo carinho com uma mão e segurando o celular com a outra começa a cerrar os olhos lentamente e se inclina aos poucos para trás, até encostar sua cabeça e por fim pegar no sono.

7. INT./EXT. CARRO DE MARCOS - DIA (PESADELO)

Marcos dirige seu carro em uma velocidade reduzida. Faz curvas e chega até uma estrada.

Marcos começa a acelerar o carro. Ele olha desconfiado para suas mãos, que começam a tremer. O seu pé afunda no pedal do acelerador. Marcos observa incrédulo sua perna e suas mãos.

A sua frente, uma curva.

Marcos tenta tirar o pé do acelerador e não consegue. Tenta virar suas mãos no volante mas elas permanecem rígidas. Ele se debate em desespero esperando bater o carro. Tenta gritar e não sai nenhum som.

O carro esta prestes a bater.

8. INT. APARTAMENTO DE MARCOS - SALA - MADRUGADA (VOLTA AO PRESENTE)

Marcos acorda no susto. O gato pula de seu colo MIANDO assustado. O celular cai no chão.

Marcos respira fundo algumas vezes. Analisa suas mãos e pés com curiosidade. Recolhe o seu celular e coloca um alarme para as "06:00" da manhã. Se deita no sofá e liga a tv.

9. INT./EXT. LANCHONETE / RODOVIÁRIA DE FOZ DO IGUAÇU - MANHÃ

A luz do sol entra pela porta da lanchonete. Algumas pessoas tomam café da manhã sozinhas ou em companhia. Marcos está sozinho no balcão comendo uma chipa e tomando um café preto.

Do lado de fora, é possível ver os ônibus chegarem e partirem da rodoviária. A luz do sol reluz na janela dos veículos passando. Marcos olha por um momento para fora da lanchonete e vê ao fundo o movimento dos ônibus.

POV DE MARCOS

Pessoas carregando malas até uma balança. Malas, mercadorias e mochilas. Elas entram num ônibus. Um outro onibus parte, enquanto mais um se aproxima e estaciona.

VOLTA À CENA

Marcos pega seu celular. O ALARME DE NOTIFICAÇÃO toca. Ele termina o seu café e sai da lanchonete.

10. INT./EXT. CARRO DE MARCOS / ENTRADA HOTEL CENTRO - DIA

É um dia quente na cidade. O carro de Marcos se aproxima da entrada de um hotel. Marcos manobra até chegar de frente para a portaria.

HELENA, (27), cabelo longo preto, usa um vestido de verão confortável, sandálias, um pingente discreto e óculos de sol, sai do hotel agitada descendo a escadaria da entrada carregando sacolas. Se aproxima do carro com velocidade. Abre a porta, põe as sacolas no banco, entra no carro e tira os óculos de sol, colocando-os no topo da cabeça.

HELENA  
 (ansiosa)  
 Moço, oi, bom dia, por gentileza  
 preciso que tu voe.

MARCOS  
 Bom dia. Vou fazer o possível aqui.  
 Só pra confirmar, ta indo ali pro  
 centro, no--

HELENA  
 (agitada)  
 --Isso, no centro.

Marcos respira fundo e revira levemente os olhos. Helena começa a revirar as sacolas. Depois, passa a mão ao lado do corpo e no banco.

Marcos olha no retrovisor central e vê Helena mexendo no espaço até chegar em seus óculos. Ela guarda em uma das sacolas. Marcos ri da situação. Dá a partida no carro e sai.

11. INT./EXT. RUAS DE FOZ / CARRO DE MARCOS - DIA

Marcos dirige concentrado e para o carro no sinal. Enquanto espera, leva as mãos ao pescoço alogando um pouco.

Helena abaixa o vidro ao seu lado. Marcos tenta quebrar o silêncio. Helena olhando pela janela volta sua atenção para Marcos.

MARCOS  
 Faz tempo que não chove né?

HELENA  
 Ta seco demais, e parece que só vai  
 aumentar a temperatura nos próximos  
 dias.

MARCOS  
 Quer que eu ligue o ar?

HELENA  
 Por favor.

Marcos fecha todas as janelas e liga o ar condicionado. O carro diminui a velocidade inesperadamente. Marcos checa o painel arqueando uma das sobrancelhas. Ignora e volta sua atenção para o trânsito.

Helena permanece quieta olhando para o lado de fora mexendo uma de suas pernas em ansiedade.

MARCOS  
 Você é de Foz?

HELENA

Não, sou de São Paulo. Vim pra cá  
faz uns 5 anos.

MARCOS

Hmm São Paulo. Fui lá poucas vezes.  
Muita correria né?

HELENA

Sim. E você, é daqui?

MARCOS

Sou de Cascavél, vim pra cá faz  
pouco tempo.

Helena fecha sua postura, rompendo o contato visual que  
estava sendo mantido pelo espelho retrovisor.

MARCOS (CONT.)

Mas vez ou outra eu faço viagens  
pra outras cidades... Santa  
Terezinha, Medianeira, Londrina...  
Se precisar é só me ligar.

Helena dá um sorriso falso e acena com a cabeça, depois volta  
a encarar a janela. Silêncio por alguns instantes. Helena  
pega o celular e coloca no ouvido atenta. Manda um áudio.

HELENA

Mulher, me espera ai que eu já to  
chegando viu?

Marcos observa Helena pelo retrovisor, desvia os olhos quando  
ela olha para ele.

HELENA (CONT.)

Moço, você não pode ir mais rápido?  
Por favor.

MARCOS

Olha moça, eu to indo o mais rápido  
que eu posso, não se preocupa que  
você vai chegar a tempo.

HELENA

Eu só preciso que você acelere um  
pouco, é tão difícil assim?

Marcos franze o cenho e por um momento olha diretamente para  
Helena.

MARCOS

(passivo agressivo)

To indo rápido, agora se você não  
consegue esperar eu paro aqui e  
você pega um outro motorista.

Helena com os olhos arregalados hesita em falar, mas comenta.

HELENA

Moço, o carro, ta desace--

MARCOS

(nervoso)

--Oh meu deus, o que foi?

Algumas BUZINAS soam no trânsito atrás do carro de Marcos. O carro desacelera sozinho até desligar completamente.

Marcos tenta ligar o carro algumas vezes. Helena arruma suas sacolas e coloca seu óculos de sol.

HELENA

Moço eu vou descer aqui mesmo.

Helena abre a porta e sai, vai andando rápido pela calçada. Marcos a acompanha partir. Ele bate no volante algumas vezes, estressado.

MARCOS

Que porra! Merda.

Marcos bufa nervoso e se recompõe aos poucos respirando fundo. Ele pega o celular e faz uma ligação. Leva uma das mãos até a coluna apertando as costas enquanto espera ao telefone.

## 12. EXT. ENTRADA OFICINA MECÂNICA - DIA

Marcos olha desolado para o carro que agora está estacionado dentro da oficina. SEU LUÍS, (55), baixo, barba rala grisalha e sorridente se aproxima de Marcos tocando em seu ombro.

SEU LUÍS

Amanhã ta pronto.

MARCOS

Certeza que não é a bateria?

SEU LUÍS

Não, não é elétrica.

Os dois olham o carro por um momento. Seu Luís volta em direção a oficina.

MARCOS

Obrigado Seu Luís.

SEU LUÍS

Fica em paz menino, amanhã tá resolvido. Ah, ja ia esquecendo...

Volta para Marcos e tira um MOLHO DE CHAVES do bolso da camiseta suja de óleo e o entrega para Marcos



SEU LUÍS  
Encontrei no chão do banco de trás.

Marcos pega as chaves e analisa. Faz uma cara de desaprovação e respira fundo.

MARCOS  
Obrigado.

Seu Luís volta para a oficina. Marcos guarda as chaves no bolso e pega o celular. Tenta entrar em contato com Helena

INSERT

O CELULAR de Helena VIBRA com a ligação de Marcos enquanto Helena e outras pessoas se alongam num ESTÚDIO DE DANÇA.

VOLTA À CENA

Marcos guarda o celular no bolso e sai.

13. EXT. CIDADE DE FOZ - DIA

MONTAGEM - O CALOR DA CIDADE

Fila de carros para entrar cruzar a FRONTEIRA do Brasil com o Paraguai.

Pessoas no TERMINAL DE ÔNIBUS se abanando, bebendo água e tomando sorvete.

Pessoas se alongando e fazendo caminhada na calçada da AV PARANÁ.

FIM DA MONTAGEM

14. INT./EXT RUA / RESTAURANTE CENTRO - MAIS TARDE

Marcos está terminando de almoçar. Há poucas pessoas no restaurante. Marcos olha para o lado de fora do estabelecimento por um momento, um ÔNIBUS DE TURISMO para em frente a um hotel, pessoas de diversas idades e nacionalidades sobem no ônibus. Marcos palita os dentes. O CELULAR toca e Marcos atende.

MARCOS  
Alô?

INTERCUT - CONVERSA NO CELULAR

HELENA  
Oi me ligaram desse número.

MARCOS

Sim, é o Marcos, motorista que te levou hoje de manhã. É que você esqueceu umas chaves no carro.

Uma pausa. Helena procura as chaves em sua bolsa.

HELENA

Ai, e agora? Será que você pode me trazer?

MARCOS

Não, meu carro ta no conserto, só sai amanhã.

HELENA

Poxa moço... Marcos, né? Eu não consigo sair daqui agora.

Marcos olha em seu relógio, coça o rosto em silêncio.

MARCOS

Ah sim, eu vou ver com um amigo meu se ele tá disponível, senão só amanhã mesmo. Me manda o endereço.

HELENA

Ta bom, vou enviar. Obrigada.

Helena desliga a ligação e envia o endereço por mensagem. Marcos pega o celular novamente e faz uma ligação.

MARCOS

Seu toninho, tudo bem? Tu pode me fazer um favor?

15. INT./EXT. RUAS DE FOZ / CARRO DE ANTÔNIO - MAIS TARDE

Marcos está sentado no banco do carona com o banco reclinado bem para trás no sedan cinza de Antônio. No rádio toca "**Corazón**" da Mercedes Sosa. Marcos olha com desolação pra fora da janela do carro.

Antônio cantarola com a música e em seguida olha para Marcos.

ANTÔNIO

Carro é assim mesmo piá. Acontece. Mas conhecendo o Luis, se ele fala que amanhã vai estar arrumado então vai estar. Tem pressa não.

MARCOS

Final de semana é onde a gente mais ganha e eu aqui parado...

Antônio acena com a cabeça concordando. Os dois ficam em silêncio por alguns segundos.

ANTÔNIO

Depois daqui vamos tomar uma, né?

Marcos tira a expressão melancólica do rosto e dá risada se ajeitando no banco.

MARCOS

Ah...

ANTÔNIO

Vamos sim!

MARCOS

Ta bom. Pode ser.

Ambos riem. É fim de tarde, o pôr do sol alaranjado ilumina a avenida por onde os carros trafegam. Ambos ficam em silêncio por um momento, ouvindo a música do rádio tocar.

16. INT./EXT. FACHADA ESTÚDIO DE DANÇA / CARRO DE ANTÔNIO -  
MOMENTOS MAIS TARDE

Antônio estaciona o carro. Marcos desce e chega até a entrada de um estúdio de dança. Ele observa Helena na porta conversando com uma amiga. Marcos se aproxima e Helena o repara, abrindo um sorriso amigável. Marcos tira as chaves do bolso e a entrega.

HELENA

Graças a deus. Obrigada viu Marcos.  
Quanto eu devo?

Marcos entrega um cartaozinho a Helena.

MARCOS

O valor é esse aqui, você pode  
fazer um pix pro seu toninho que tá  
ali no carro.

HELENA

Claro, faço agora.

Helena se movimenta com o celular e faz a transação.

HELENA (CONT.)

Ai é verdade. E o carro, o que  
aconteceu?

MARCOS

Deixei no mecânico, amanhã vou  
saber o que foi.

HELENA

Entendi. Boa sorte.

Marcos olha para dentro do estúdio por um momento.

HELENA (CONT.)

Você quer entrar?

MARCOS

Ai é o que?

HELENA

Eu dou aula de dança. Entra.

MARCOS

Não... É que agora eu não posso.

HELENA

Tudo bem, vou entrar, tem uma turma me esperando. Se uma hora você quiser fazer uma aula experimental eu estarei aqui.

Marcos olha novamente o relógio e o interior do estúdio. Sorri para Helena.

MARCOS

Obrigado.

HELENA

Eu que agradeço.

Helena entra e fecha a porta do estúdio. Marcos a observa por uns segundos e para o ambiente ao redor. Volta para o carro de Antônio.

#### 17. INT. APARTAMENTO DE MARCOS - SALA - NOITE

Marcos chega em casa levemente embriagado. Anda devagar, boceja, seus olhos estão baixos. Ele se senta no sofá da sala e começa a ver vídeos no seu celular, mas em seguida deixa-o de lado.

Encara a tv, respira fundo, tira os sapatos, deita no sofá e se espreguiça. Marcos olha para seus pés e suas mãos. Alonga um pouco as pernas.

Por um instante, pega o celular e pesquisa algum VÍDEO de salsa. Assiste com atenção. Acessa um vídeo que ensina passos básicos.

Marcos se levanta e assiste o vídeo sentado. Depois, fica em pé e coloca o vídeo para reproduzir em sua televisão. Tenta imitar alguns passos, se desequilibrando.

Marcos morde os lábios pra se concentrar e acertar o passo. O gato de Marcos aparece de surpresa e Marcos precisa desviar dele. Perde o equilíbrio e cai sem ferimentos.

## 18. INT. OFICINA MECÂNICA - DIA

Uma música toca em uma caixa de som. **"Danza Paraguaya" de Agustín Barrios.**

SÉRIE DE PLANOS - O CARRO CONSERTADO

- Ferramentas na parede da oficina.
- Uma moto antiga coberta por um pano velho.
- Um copo com água e gelo derretendo.
- Interior vazio do carro de Marcos.
- Rodas e pés de Marcos junto ao carro.

FIM DA SÉRIE DE PLANOS

Seu Luís entrega as chaves do carro para Marcos.

SEU LUÍS

Ta na mão. Praticamente novo.

MARCOS

Obrigado Seu Luís.

SEU LUÍS

Qualquer coisinha é só trazer aqui.

MARCOS

(cumprimentando)

Muito obrigado. Bom trabalho pro senhor.

Marcos sorri e entra em seu carro, dando partida e saindo da oficina.

## 19. INT./EXT. CIDADE DE FOZ / CARRO DE MARCOS - DIA

MONTAGEM - MARCOS VOLTA AO TRABALHO

Marcos se abanando sozinho com o carro estacionado em frente a entrada de um RESORT.

Marcos com um casal de turistas parados no sinal vermelho. As janelas abertas, a mulher compra uma água com um vendedor ambulante.

Marcos com duas passageiras árabes saindo da MESQUITA conversando entre si. Marcos limpa o suor da sua testa com as mãos.

FIM DA MONTAGEM

## 20. EXT. GRAMADÃO - TARDE

É fim de tarde, algumas pessoas realizam atividades ao ar livre.

Uma família jogando vôlei de maneira descontraída. Ao lado, uma mulher brinca com seu cachorro. Mais distante, Alguns idosos fazem alongamentos e exercícios de yoga.

Pessoas assistem ao pôr do sol. Escuta-se RUIDOS das pessoas se divertindo em seus passeios.

## 21. INT./EXT. CARRO DE MARCOS / ESTÚDIO DE DANÇA - FIM DO DIA

Marcos estaciona o carro próximo à entrada do estúdio de dança. Ele observa as janelas, algumas pessoas dançam, não é possível ver Helena. Se escuta a música que vêm do interior do estúdio. **"Pensando" de La Dimension Latina.**

Marcos olha para o retrovisor central se encarando. Respira fundo, coloca a mão na maçaneta da porta do carro. O celular emite uma NOTIFICAÇÃO de uma viagem a ser aceita.

A notificação toca por algum tempo. Marcos tira mão da porta e volta ao seu volante. Seus dedos chegam em direção ao celular. A notificação desaparece antes de Marcos aceita-la.

Marcos fica parado por um momento. Outra NOTIFICAÇÃO aparece. Marcos aceita, liga o carro e sai. Helena aparece por um momento na janela.

## 22. INT. BAR - NOITE

Muitas mesas de sinuca, algumas vazias, outras com pessoas jogando. O movimento não é agitado. Pessoas bebem, jogam concentradas, conversam.

SÉRIE DE PLANOS - O JOGO DE SINUCA

- A bola branca faz contato com outra.
- A outra é encaçada.
- Bolas se chocam.
- Uma bola passa próximo da caçapa.
- Uma bola passa direto e não acerta nenhuma outra.

FIM DA SÉRIE DE PLANOS

## 23. INT./EXT. CARRO DE MARCOS / ENTRADA BAR CENTRO - NOITE

Marcos dirige até estacionar em frente a um bar com música. Ele olha para dentro e vê as pessoas animadas bebendo e dançando.

Duas pessoas animadas se aproximam e entram no carro sentando no banco traseiro. Marcos permanece parado observando as pessoas se divertindo.

Uma BUZINA próxima faz ele voltar a atenção para dentro de seu carro. Da a partida e sai com os passageiros.

## 24. INT. ESTÚDIO DE DANÇA - DIA

As janelas estão abertas. Há algumas fotos na parede de pessoas dançando. Uma trava encostada na parede, alguns bancos e uma caixa de som. Helena faz exercícios de alongamento com uma turma pequena de frente para o espelho.

Entre um exercício e outro a CAMPAINHA toca. Helena olha o relógio e caminha em direção à porta até abri-la. Marcos está de pé suando um pouco, olha para Helena e sorri timidamente.

HELENA

Que surpresa! Seja bem vindo, a aula vai começar agora.

Marcos entra no estúdio, estudando o espaço. Helena fecha a porta.

HELENA (CONT.)

Pessoal, esse é o Marcos, ele vai fazer essa aula com a gente.

Marcos acena para o grupo.

MARCOS

Oi gente, boa noite.

TURMA

Olá, boa noite. / Oi! / Seja bem-vindo! Oi, prazer! / Olá Marcos.

HELENA

Ótimo, vamos começar?

## 25. INT./EXT. CARRO DE MARCOS/ RUAS DE FOZ / ESTÚDIO DE DANÇA - DIA / NOITE

A música **"Kaquiry Kaquiry" da Orquestra Guayacan** começa a tocar.

MONTAGEM - MARCOS E SUA EVOLUÇÃO NA DANÇA

No ESTÚDIO, Marcos imita os passos das pessoas ao seu redor enquanto observa os movimento de Helena. O grupo executa os passos com certa sincronia, enquanto Marcos se perde um pouco para acompanhar. Tropeça e sem querer esbarra em uma pessoa, se desculpando com vergonha.

No CARRO, Marcos movimenta o corpo sutilmente está no farol vermelho com um cliente.

De volta ao ESTÚDIO, Marcos acompanha os passos com maior sincronia. Dança sorrindo. Seus olhos encontram o de Helena. Ela sorri com entusiasmo para seus movimentos.

No CARRO, Marcos canta um trecho da música enquanto dirige sozinho.

FIM DA MONTAGEM

## 26. EXT. ENTRADA BAR CENTRO - NOITE

Marcos caminha pela calçada em uma noite fresca de verão. Aos poucos ele se aproxima de um bar. Chega até a entrada e ve poucas pessoas do lado de dentro, elas bebem e conversam.

Próximo à entrada, há um painel informativo de eventos. Em uma das linhas Marcos lê: "Noites de salsa todas às quintas!".

Marcos sorri. Pega o celular e entra no chat do contato de Helena. Ele hesita em fazer a ligação, mas em seguida faz a chamada. Marcos aguarda, a ligação chama por alguns segundos.

TELA PRETA

FIM DA PRIMEIRA HISTÓRIA

## 27. INT. APARTAMENTO DE CESAR - COZINHA - NOITE

SEGUNDA HISTÓRIA

Em uma mesa há diversos ingredientes cortados e separados, por cima da bancada suja de cascas, sobras e restos, duas mãos pegam delicadamente os ultimos ingredientes que faltam e levam até um prato próximo com uma receita refinada.

Depois de pronto e bem apresentado, uma das mãos pega um garfo e seleciona um pedaço da refeição, unindo todos os ingredientes. A mão leva a garfada primeiramente até o nariz, onde as narinas INSPIRAM profundamente. Depois, o garfo vai até a boca de CESAR, (24), pele branca, bigode, algumas tatuagens, usa um avental de cozinha. Cesar prova a garfada com seriedade.

Depois de engolir, soca a mesa com raiva, pega o restante da comida que está no prato, leva até o lixo e despeja tudo. Fecha o lixo com grosseria.



## 28. INT. CAFETERIA - MANHÃ

A cafeteria é aconchegante e espaçosa. Algumas mesas grandes com muitas cadeiras, outras menores para quatro ou duas pessoas, poltronas, uma pequena estante de livros variados e uma prateleira com alguns cafés especiais da região.

No ambiente, algumas decorações e luminárias. Próximo ao balcão, um painel informativo com alguns cartazes de eventos e panfletos de outros estabelecimentos. No balcão, bolos e tortas de sabores variados dispostos em prateleiras. Mais alguns panfletos por cima da bancada próximo ao caixa.

Cesar e outros funcionários terminam de limpar o espaço. Logo em seguida, Cesar abre as portas do estabelecimento e vira a placa na porta onde é possível ler "Aberto" do lado de fora.

## MONTAGEM - A ROTINA NA CAFETERIA

Cesar prepara uma grande xícara de café em uma máquina e deixa-a de lado em uma mesa na parte de dentro do balcão. Depois, enche outra xícara moderada e coloca-a junto de uma bandeja com uma refeição. Volta para a xícara na mesa e bebe um pouco o café.

Um cliente acerta uma conta no caixa.

Algumas pessoas tomam café, conversam, lêem ou realizam reuniões nas mesas.

Um funcionário retira um pedaço de torta da bancada e serve até uma mesa.

## FIM DA MONTAGEM

Depois, Cesar se dirige até o balcão, CAROL (18), com uma roupa confortável e uma bolsa transversal entra na cafeteria carregando em seu braço alguns papeis e folhetos. Ela se aproxima até o balcão.

CAROL

Oi, bom dia!

CESAR

Bom dia.

CAROL

Moço, eu posso deixar alguns panfletos e colocar um cartaz no seu painel?

CESAR

Do que se trata?

CAROL

Um projeto comunitário lá na região norte. Estamos desenvolvendo uma horta agroecológica comunitária.

Carol entrega um dos panfletos para Cesar. Ele analisa o papel por alguns segundos, esboça uma leve reação de aprovação.

CESAR

Tudo bem. Fica à vontade.

Carol sorri. Vai até o painel informativo e cola um cartaz. Em seguida, deixa uma pilha de panfletos próximo ao caixa.

CAROL

Como você se chama?

CESAR

Cesar.

Carol estende a mão, se cumprimentam.

CAROL

Carol. Muito obrigado Cesar.

Carol parte. Cesar pega novamente um panfleto e o guarda em seu bolso.

#### 29. EXT. ENTRADA CAFETERIA - TARDE

Cesar está parado do lado de fora da cafeteria, que agora a placa indica "Fechado". Ele carrega uma mochila nas costas e fuma um cigarro.

Uma moto se aproxima do local. Cesar olha para o celular e em seguida para o mototaxi. Dá um grande trago no cigarro e o joga a bituca no chão, solta o trago e pega o capacete, subindo na moto que em seguida sai da cafeteria.

#### 30. EXT. RUA RESTAURANTES - MINUTOS MAIS TARDE

Cesar e o mototaxi passam por uma rua repleta de hotéis e restaurantes. É possível ver os preparativos do início do serviço da noite.

#### 31. INT. HAMBURGUERIA - COZINHA - NOITE

Cesar prepara alguns lanches de maneira ritmada e concentrada. Um funcionário ao seu lado lida com a chapa com diversas carnes assando.

A movimentação na cozinha é intensa e ininterrupta. Próximo de Cesar está a impressora de comandas. O papel com novos pedidos sobe de maneira veloz. Cesar checa, monta o lanche, confere, marca o pedido. Revezas entre as entregas do estabelecimento onde um garçom aparece para retirar e também organiza os pedidos para entrega, separando em embalagens e lidando diretamente com um motoboy.

## 32. INT. HAMBURGUERIA - ÁREA - MAIS TARDE

Em sua pausa, Cesar come um grande lanche de maneira veloz, sem muito tempo para respirar. Entre uma mordida e outra engasga e tosse pigarreando. Retira de seu bolso uma garrafinha de bebida alcóolica e despeja um pouco em um grande copo de refrigerante. Balança um pouco o copo e dá uma golada.

Por um instante olha em seu relógio de pulso. Finaliza o lanche em poucas mordidas e vira o copo. Volta para a cozinha

## 33. INT. HAMBURGUERIA - COZINHA - NOITE

Cesar prepara a montagem de lanches, mas dessa vez com menos cuidado e mais pressa. Cesar olha para a impressora de comandas, um único papel sobe. Cesar retira o papel e continua encarando a máquina.

Nenhum papel sobe. Cesar olha para o relógio da cozinha atento e visivelmente cansado, respirando pela boca.

Cesar sustenta o olhar para a máquina por alguns segundos. Um outro papel sobe. Cesar fecha os olhos respirando fundo e arranca o papel com agressividade.

## 34. EXT. CALÇADA HAMBURGUERIA - MAIS TARDE

Cesar está sentado em uma mureta próximo à calçada. Ele fuma um cigarro e olha para a rua.

POV DE CESAR

Cesar observa outros restaurantes e estabelecimentos gastronômicos próximos. As pessoas limpam e guardam as mesas e cadeiras no fim de expediente.

VOLTA À CENA

Cesar pega em seu bolso a garrafinha de álcool, destampando e dando uma golada. Em seguida traga o cigarro. Outra moto se aproxima da calçada. Cesar se ajeita no passageiro colocando o capacete. Os dois partem.

## 35. INT. APARTAMENTO DE CESAR - QUARTO - MADRUGADA

Cesar está deitado na cama, respira pesadamente, tossindo algumas vezes. Vira para o lado e adormece.

## 36. INT. APARTAMENTO DE CESAR - TARDE

**"A night in Tunisia" de Art Blakey and the Jazz Messengers** começa a tocar.

## MONTAGEM - LIMPEZA NO APARTAMENTO

No QUARTO, Cesar varre o chão, troca os lençóis, passa pano no chão, tira o pó, organiza os móveis e roupas.

Na SALA, Cesar aspira o sofá, os tapetes, o chão, passa pano, tira o pó, organiza as decorações.

No BANHEIRO, Cesar, lava todo o ambiente, a pia, privada, paredes, azulejos, espelho, esfrega com vigor.

Na COZINHA, lava toda a louça, limpa o fogão, varre e passa pano no chão, limpa e organiza mesas e bancadas, guarda todos os utensílios. Ao terminar, senta em uma das cadeiras, apoiando sua cabeça e braços em cima da mesa.

FIM DA MONTAGEM

## 37. INT. RESTAURANTE - COZINHA - NOITE

Cesar e outros cozinheiros vestindo doma estão realizando o mise en place. Cesar permanece compenetrado em suas tarefas, moendo, cortando, separando, guardando.

A sous chef LAURA, (32), pele morena, vestindo doma, cabelo preto preso com um lenço, se aproxima das bancadas analisando os trabalhos feitos. Cesar respira pesadamente.

LAURA

Podem parar.

Todas as pessoas suspendem suas atividades. O chef VINICIUS (40), barba cheia e cabelo ondulado castanho se apresenta. Analisa o corte e a organização de cada pessoa. Cesar está em uma das pontas, o chef começa pelo outro lado.

Laura e Vinicius cochicham entre eles, apontando para alguns elementos do serviço das outras pessoas. Cesar observa atento a análise dos chefs, que devagar se aproximam da sua bancada.

Vinicius faz uma leve expressão de admiração entre uma bancada e outra. Vinicius e Laura se aproximam, é a vez de Cesar.

Cesar presta atenção a cada segundo que passa. Os rostos dos chefs permanecem serenos e sem qualquer indício de expressão. Começa a respirar fundo, tosse algumas vezes. Cesar começa a hiperventilar.

LAURA

Cesar, está tudo bem?

Cesar se recompõe rapidamente de forma brusca.

CESAR

Sim chef.

LAURA

Quer fazer uma pausa? Não tem problema.

CESAR

Não, eu tô bem.

Vinicius o observa com atenção. Cesar sustena o olhar. Vinicius sai de sua bancada.

Laura bate duas vezes no ombro de Cesar e sai sorrindo.

Vinicius e Laura estão lado a lado em uma mesa. O chef ajeita sua postura para um pronunciamento.

VINICIUS

Ótimo trabalho pessoal. Preciso lembrar vocês que esse programa de estágio está quase no fim. E somente uma pessoa vai ser selecionada pra trabalhar com a gente. Por isso, estudem, pratiquem e tenham calma.

Nesse momento todos riem se entreolhando. Cesar esboça um sorriso mas tenta controlar sua respiração.

VINICIUS (CONT.)

Boa sorte.

Vinicius começa a bater palmas e todos o acompanham.

### 38. INT./EXT. CIDADE DE FOZ - MANHÃ

#### MONTAGEM - OS INGREDIENTES DA CIDADE

Na PADARIA, um padeiro modela a massa para fazer pães franceses. Leva uma fornada para assar.

Em uma FEIRA, comerciantes montam suas barracas e começam a organizar seus alimentos, frutas e verduras.

Em um SÍTIO, uma agricultura colhe um cacho de banana, alguns abacaxis, pitaias, flores diversas.

FIM DA MONTAGEM

### 39. INT. SUPERMERCADO - MANHÃ

Frutas, legumes, verduras, peixes, carnes... Alimentos separados e organizados nas prateleiras e freezers.

Cesar caminha por entre os corredores do supermercado com um carrinho de compras. Dentro estão alguns legumes e carnes. Cesar se aproxima do setor de hortifruti e começa pesquisar alguns alimentos.

Pega com as mãos laranjas, limões, maçãs, cheira e apalpa alguns alimentos , selecionando uns e descartando outros.

Depois, chega até uma prateleira com algumas verduras. Cesar pega um maço de folhas e começa a ver. A maior parte dos alimentos ele devolve para a prateleira.

Cesar continua a andar pelos corredores, o celular de Cesar VIBRA, ele o pega e atende a ligação.

CESAR

Pronto?

FABRÍCIO (V.O.)

(ao celular)

Oi Cesar, tudo bem?

CESAR

Oi Fabrício, tudo sim. Eai, o que manda?

FABRÍCIO (V.O.)

Cara, um rapaz nosso ficou doente, avisou em cima da hora pra mim... Precisamos de alguém pra cobrir ele hoje. Sei que é sua folga...

Cesar coça seu rosto, demora alguns segundos para responder.

CESAR

Beleza, daqui a pouco to ai.

FABRÍCIO (V.O.)

Obrigado.

CESAR

Tchau.

Cesar guarda o celular e volta para o carrinho de compras.

#### 40. INT. CAFETERIA - MAIS TARDE

O movimento está agitado. Todas as mesas estão cheias. Os funcionários vem e vão entre as mesas. Cesar está no balcão preparando os cafés e outras bebidas. Ele não para por nenhum minuto.

Depois, vai até a prateleira e tira algumas fatias de bolo. Leva até uma mesa. Se aproxima com um sorriso fraco e deixa a bandeja na mesa, caminha de volta em direção ao balcão.

O cliente levanta uma das mãos e chama a atenção de Cesar.

CLIENTE

Com licença. Não foi isso que eu pedi. Quero um bolo de frutas vermelhas.

Cesar imediatamente recolhe a bandeja.

CESAR

Perdão. Já trago o seu pedido.

Sai com a bandeja de volta com o prato. Em uma outra mesa, uma cliente acena para Cesar com um sorriso. Cesar faz um sinal com a mão para ela esperar. Volta ao balcão.

Chega esbaforido na pia para pegar outro prato e sem querer esbarra em uma funcionária que estava servindo o café em uma xícara, o café escorre pela mesa. A funcionária se surpreende.

CESAR

(ansioso)

Desculpa, deixa que eu limpo.

O pedaço de torta fica esperando em cima da mesa. Cesar sai e pega um pano. Começa a limpar a sujeira. Por um momento, se levanta e olha para fora da cafeteria.

#### 41. EXT. CAFETERIA DO LADO DE FORA (DELÍRIO)

Há um homem do lado fora fumando. Ele está de costas, mas começa a se virar lentamente. O homem é Cesar, esboçando um sorriso um tanto maligno e assustador.

#### 42. INT. CAFETERIA - TARDE (VOLTA À CENA)

Cesar fica paralisado olhando para si mesmo com uma expressão assustada. É possível ouvir de maneira abafada alguém CHAMAR o nome de Cesar.

#### 43. INT. HAMBURGUERIA - COZINHA - NOITE

A voz do chapeiro preenche o espaço.

CHAPEIRO

Cesar!!

Cesar está em pé paralisado na cozinha da hamburgueria segurando uma faca de cortar pão.

Ele volta sua atenção para o chapeiro quando ele o chama. O chapeiro aponta para a impressora de comandas. Cesar olha para a máquina que agora está com muitos pedidos acumulados.

Cesar começa a separar rapidamente as comandas e a cortar os pães, além de montar os lanches.

## 44. INT. APARTAMENTO DE CESAR - QUARTO - MADRUGADA

Cesar encara o teto deitado em sua cama. Ele se levanta e acende um cigarro. Começa a fumar ansioso. Vai até um armário e pega um livro gastronômico de receitas e técnicas culinárias.

## 45. INT. CAFETERIA - DIA

O dia está nublado. Poucas pessoas tomam café e se alimentam na cafeteria. Cesar pega uma bandeja em cima das mesas e leva até o balcão.

Por um momento Cesar olha para fora da cafeteria e observa algumas pessoas passando. Um homem da mesma estatura de Cesar fuma do outro lado da rua.

Cesar volta sua atenção para o balcão, balançando a cabeça em negação e dando um suspiro. Ele permanece em pé no balcão, mas do lado de dentro deixa o livro de culinária aberto mas meio escondido. Cesar olha para os lados e em seguida volta sua atenção ao livro.

A porta da cafeteria se abre. Cesar olha para a porta e se espanta. Vinicius e Laura entram pela porta. Cesar vira de costas num reflexo. O casal adentra no ambiente e se sentam. Cesar olha de relance e observa os dois olhando para o cardápio. Sua respiração começa a falhar. Ele sai do balcão.

## 46. INT. CAFETERIA - BANHEIRO - MINUTOS MAIS TARDE

Cesar chega correndo até se ajoelhar na privada. Começa a vomitar no vaso.

## 47. INT. CAFETERIA - MINUTOS MAIS TARDE

Cesar reaparece no balcão tentando controlar a sua respiração. Ele se apoia com os braços, depois vai até a máquina de café, onde se serve de uma pequena xícara. Toma de uma vez.

Laura e Vinicius conversam entre si, olham para os lados e observam Cesar. Fazem um sinal acenando com a mão.

Cesar se aproxima relutante. O casal se surpreende alegremente com a aparição de Cesar.

LAURA

Ei, que surpresa! Não sabia que  
você trabalhava aqui.

O chef estende a mão para Cesar, ele o cumprimenta e em seguida a sous.



CESAR  
(timido)  
Sim, já faz algum tempo.

VINICIUS  
(olhando ao redor)  
Ótimo. É um bom lugar, ainda não  
conhecia.

CESAR  
Seja bem vindo.

VINICIUS  
Obrigado!

Cesar sorri.

CESAR  
Já escolheram o que vão pedir?

O chef se ajeita na cadeira.

VINICIUS  
O que você me indica?

Cesar trava por um instante. Pega o cardápio e folheia sem  
rumo.

CESAR  
Posso te surpreender?

VINICIUS  
Claro!

O chef sorri para Laura. Ela faz uma expressão de surpresa.  
Cesar ri sem graça.

CESAR  
(irônico)  
Perfeito.

Ele olha para Laura.

LAURA  
Um v60 grande tá ótimo pra mim.

CESAR  
Okay... Em breve eu volto. Com  
licença.

Cesar se retira e vai até o balcão. Ele observa novamente o  
casal de chefs na mesa. Vai até a bancada preparar o v60.  
Suas mãos tremem, a respiração está descompassada.

Cesar corta uma fatia de bolo e prepara um outro café para  
servir ao chef. Em seguida, coloca os pedidos em uma bandeja.  
Sai do balcão e segue em direção a mesa.

Ao olhar para a mesa dos chefs, toma um imenso susto.

48. INT. CAFETERIA - TARDE (DELÍRIO)

Sentado junto aos chefs, ele se vê no meio dos dois tomando uma xícara. O café escorre pela sua boca e em seguida ele levanta a xícara num movimento de saudação/brinde.

49. INT. CAFETERIA - TARDE (VOLTA À CENA)

Cesar para de respirar por um momento. Desmaia caindo no chão e derrubando a bandeja. As xícaras e os pratos quebram. O corpo de Cesar cai no chão com um SOM PESADO.

As pessoas ao redor se levantam assustadas. Laura e o chef se aproximam, assim como os outros funcionários. Uma pessoa pega o celular rapidamente. Cesar está desacordado.

TELA PRETA

50. INT. HOSPITAL - PRONTO SOCORRO - MAIS TARDE

Cesar abre os olhos lentamente. Ele observa o quarto onde está. Algumas macas vazias, uma janela aberta. O ambiente está sereno e silencioso.

Ele se senta na cama, olha ao redor. Algumas pessoas transitam pelo corredor pela fresta da porta aberta. Cesar olha para a janela, leva uma mão até a cabeça coçando o seu cabelo, faz uma expressão de dor. Passa a mão pelo seu corpo.

Volta a se deitar na cama, inspira profundamente. Seus olhos se enchem de lágrimas. Ele coça os olhos. Seu estômago RONCA. Cesar se levanta lentamente da maca. Caminha pelo espaço se apoiando nas outras macas, seu caminhar é levemente tortuoso.

Chega até a janela, cerra os olhos com a luz do sol.

51. EXT. ENTRADA CAFETERIA - DIA

Dia seguinte. Cesar se aproxima da entrada da cafeteria com o celular na mão. Ele o checa algumas vezes e olha para o lado de dentro da cafeteria. Na porta, o aviso de "Fechado".

Do lado de dentro, FABRÍCIO (31), o gerente da cafeteria, aparece no balcão e acena para Cesar. Em seguida, vai até a entrada abrindo a porta. Se cumprimentam. Cesar adentra na...

52. INT. CAFETERIA - DIA

...Cafeteria. Fabrício fecha a entrada da Cafeteria e caminha em direção ao banheiro.

FABRÍCIO

Me dá um minuto?

Cesar confirma com a cabeça, ficando sozinho na cafeteria. Ele caminha pelo espaço, passa a mão por uma mesa. Olha para o chão por alguns segundos no lugar onde desmaiou.

Depois, vai até a o balcão, passa pela estante de livros e para por um momento em frente ao painel de avisos, fixando o olhar no cartaz colocado por Carol sobre a horta comunitária.

Fabrício retorna e puxa uma cadeira próximo a uma mesa.

FABRÍCIO

Vem, senta.

Cesar se aproxima e se senta de frente para Fabrício.

FABRÍCIO (CONT.)

Como você tá?

CESAR

Melhor. Passei o dia repousando.

FABRÍCIO

Ótimo. Ficamos preocupados, foi um susto.

CESAR

Sim...

FABRÍCIO

Então, o que queria conversar?

Cesar se ajeita na cadeira. Esfrega as mãos e se aproxima mais da mesa.

CESAR

Eu tenho uma prova muito importante daqui a poucos dias e preciso me preparar.

Fabrício levanta uma das mãos com um sinal de pare.

FABRÍCIO

Tranquilo, não precisa vir nos próximos dias. Tome o tempo que precisar

CESAR

Ok.

Ambos sorriem. Apertam as mãos.

CESAR (CONT.)

Obrigado.

FABRÍCIO  
Boa sorte na prova.

53. EXT. ENTRADA DO RESTAURANTE - NOITE

Cesar contempla a entrada do restaurante do lado de fora. Ele fuma um cigarro e anda de um lado para o outro. Algumas pessoas entram no restaurante. Cesar termina o cigarro e acompanha o movimento de entrada.

54. INT. RESTAURANTE - MINUTOS MAIS TARDE

Cesar entra no restaurante, algumas pessoas estão vestidas com a doma conversando entre, si, outras estão sozinhas em silêncio, aparentemente concentradas.

O chef Vinicius e a sous chef Laura conversam um com o outro. Vinicius olha por um instante para Cesar, depois cochicha algo para Laura, que logo em seguida olha para Cesar. Vinicius sai, Laura se aproxima para falar com Cesar.

LAURA

Ei, que bom te ver. Tá com a feição bem melhor. Como se sente?

CESAR

Me sinto ótimo agora.

LAURA

Fico feliz que esteja melhor.

Laura olha para trás por um momento, depois volta a sua atenção para Cesar, com uma expressão melancólica.

LAURA (CONT.)

Cesar, eu sei que você se preparou, que você é dedicado e um bom cozinheiro, mas infelizmente você não pode realizar a prova.

Cesar muda a expressão na hora, indignado.

CESAR

(confuso)

Mas, por que?

LAURA

O chef e eu conversamos, e achamos melhor que você não faça o teste.

CESAR

Eu não entendo...

LAURA

Você precisa descansar. Tirar um tempo pra si. A pressão é algo que a gente precisa lidar constantemente, e o trabalho aqui exige muito.

Cesar permanece confuso. Laura esboça um olhar triste, toca no ombro de Cesar.

LAURA

Eu sinto muito.

Laura sai e vai de encontro às pessoas que agora se dirigem até a cozinha.

Cesar permanece em pé desolado, até ficar sozinho no ambiente.

FADE OUT

55. INT. APARTAMENTO DE CESAR - QUARTO - MADRUGADA

Cesar fuma um cigarro na janela de seu quarto enquanto folheia o livro de receitas culinárias.

56. INT. APARTAMENTO DE CESAR - COZINHA - MADRUGADA

Cesar termina de cozinhar um prato de macarrão para si. Coloca os ingredientes no prato. Come devagar, dá poucas garfadas.

Deixa o prato de lado e apoia a cabeça deitando sobre os braços em cima da mesa.

57. INT. APARTAMENTO DE CESAR - LAVANDERIA - MANHÃ

Cesar carrega um cesto de roupas sujas até a lavanderia. Ele abre a máquina e começa a separar algumas roupas, colocando-as na máquina.

Em seguida, pega uma calça, apalpa por um momento na região do quadril, põe a mão em um dos bolsos e tira o panfleto amassado da horta comunitária.

Cesar desamassa o papel e o analisa por alguns instantes. Ele olha para o endereço do local.

58. EXT. ENTRADA HORTA COMUNITÁRIA - DIA

O dia está fresco e luminoso. Cesar desce de um mototaxi e observa o ambiente. Algumas plantações são regadas. Mãos mexem na terra, podando, colhendo, plantando. Na entrada do espaço verde, uma placa singela escrita "Horta Comunitária".

Cesar olha para a placa, ao lado da inscrição, uma foto com diversas pessoas de idades variadas em conjunto, elas sorriem e seguram alguns alimentos.

59. EXT. HORTA COMUNITÁRIA - DIA

Entra na horta. As pessoas continuam em seus afazeres. Chega até uma mesa. MATIAS (45), roupa simples e suja, boné surrado, abre uma pitaya vermelha e tira uma lasca com uma faca, come o pedaço. Matias observa Cesar se aproximando.

MATIAS

Bom dia!

CESAR

Bom dia. Prazer, Cesar.

MATIAS

Matias. Aqui menino, prova.

Matias corta um pedaço da pitaya e oferece para Cesar. Cesar aceita e olha bem para o fruto vermelho vibrante, come.

Cesar sorri e acena com a cabeça, Matias retribui o sorriso.

CESAR

Eu vim conhecer a horta.

MATIAS

Pois fique à vontade. Se eu pudesse eu te mostrava o lugar, mas já já vou separar as coisas pro almoço.

Cesar se anima.

CESAR

Quer ajuda? Eu sei cozinhar.

MATIAS

Claro que eu quero.

No mesmo instante, Carol aparece carregando algumas alfaces em uma caixa.

MATIAS(CONT.)

Aí Carol, o rapaz quer conhecer a horta, e se dispôs a ajudar no almoço.

Carol coloca as alfaces na mesa. E volta sua atenção para Cesar.

CAROL

(sorrindo)

Ei, Cesar! Bem vindo. Vem, eu te mostro o lugar.

Cesar acompanha Carol enquanto caminham em direção às plantações. Matias recolhe a caixa com alfaces e sai.

A música "**Spiritual State**" de Nujabes começa a tocar.

MONTAGEM - A HORTA COMUNITÁRIA

Carol aponta para Cesar as extensões do local. Carol guia Cesar a fim de pararem por um instante e respirarem fundo.

Cesar e Carol mexem na terra, Carol mostra algumas raízes e verduras.

Matias realiza o processo de compostagem em estruturas de madeira.

Carol aparece para Cesar com alguma fruta. Ela faz a indicação para Cesar colocar no nariz. Ele cheira a fruta com os olhos fechados. Come um pedaço.

Cesar ajuda um grupo de pessoas a colher alguns alimentos.

Carol apresenta algumas flores para um grupo de crianças.

Pessoas de diversas idades se sentam ao redor de uma mesa.

Cesar cozinha junto à outras pessoas que estavam presentes na horta.

Todos os presentes se reúnem para almoçar juntos. Cesar senta ao lado de Carol. Ele olha para seu prato e sem seguida para o rosto das pessoas saboreando a refeição. Come sem pressa e feliz.

FIM DA MONTAGEM

TELA PRETA

FIM DA SEGUNDA HISTÓRIA

60. EXT. RUA DO BAIRRO VILA C - MADRUGADA

TERCEIRA HISTÓRIA

FADE IN

A rua está vazia e pacata. Ouve-se os sons da noite, GRILOS, O VENTO SUSURRANDO, um LATIDO DE CACHORRO distante, um gato subindo em um muro e sumindo de vista.

Na rua, as casas estão todas com as luzes apagadas, exceto uma, por onde se vê uma luz difusa saindo pela janela. No meio do silêncio, um som de QUEDAS D'AGUA cresce gradativamente.

## 61. EXT. CATARATAS DO IGUAÇU - DIA (TELA DE COMPUTADOR)

Perspectiva próxima das quedas das cataratas. Aos poucos elas se aproximam. Não há ninguém no local, e apenas se escuta o som da ÁGUA CORRENTE. A imagem para, o VÍDEO é pausado.

## 62. INT. CASA DE CLARICE - QUARTO - MADRUGADA - AO MESMO TEMPO

Sentada com as pernas cruzadas em cima de uma cadeira confortável do tipo gamer e usando um headseat, CLARICE (25), pele negra, cabelos cacheados, olheiras fundas, usando uma roupa confortável, edita um vídeo em seu computador.

Clarice olha para a imagem das Cataratas pausada e reativa as outras camadas de som e vídeo.

TELA DE COMPUTADOR

A imagem das quedas começa a rodar em reverse, a velocidade diminui até o frame congelar. Uma MÚSICA em frequência grave toca baixo. Na tela, a legenda "Viva o momento", em seguida, o logo de um resort de luxo.

Clarice coloca o vídeo pra exportar. Vai até uma agenda digital e checa as demandas de trabalho para a semana seguinte. Há reuniões marcadas e vídeos a serem entregues. Clarice cai pra trás em sua cadeira e boceja.

Depois do vídeo exportado Clarice fecha todos os seus programas e desliga seu computador. Na mesa do computador, um estojo grande, algumas plantas, fotos de Clarice com amigos e familiares.

No quarto, uma cama de casal, um espelho redondo, um armário pequeno, uma arara de roupa com diversas roupas penduradas, um violão clássico num suporte, plantas no chão e na janela.

Clarice vai até a sua cama e se deita. Dorme rapidamente.

## 63. EXT. PONTO DE ÔNIBUS - MANHÃ

É começo da manhã. Clarice com uma roupa casual está de pé assistindo um produto audiovisual em seu celular. Duas senhoras, um jovem estudante e um homem também esperam no ponto.

Um ônibus se aproxima, há poucas pessoas em seu interior. O jovem dá o sinal, o ônibus para. Todas as pessoas entram, inclusive Clarice.

## 64. INT. ÔNIBUS - MANHÃ

Clarice continua assistindo em seu celular. No ônibus, estudantes, idosos e pessoas com uniformes de hotéis, mercados e lojas. Alguns conversam baixo, outros cochilam.



Clarice olha pela janela por um momento.

POV DE CLARICE

Clarice vê a paisagem do fim da AV TANCREDO NEVES e começo da AV JK.

VOLTA À CENA

Retorna para o celular, retrocedendo a parte que não assistiu.

65. INT. EMPRESA - ESCRITÓRIO - DIA

As mãos de Clarice servem café em um copo de uma garrafa térmica. Ela bebe o copo em pé em grandes goladas. Depois, caminha até uma mesa com um computador, que está ligado em um programa de edição de vídeo.

Clarice se senta e põe fones de ouvido. Ao redor, algumas pessoas também trabalham editando vídeos em silêncio e concentradas.

VITOR, (40), rosto barbeado, esguio, usando uma roupa esporte fino de verão, aparece no escritório e se dirige até a mesa de Clarice.

VITOR

Clarice, você tem um minuto?

CLARICE

Claro.

Os dois saem do escritório se dirigindo para uma outra sala. Vitor abre a porta, Clarice entra e depois Vitor fecha a porta.

66. INT. EMPRESA - ESCRITÓRIO VITOR - DIA

Clarice se senta em uma poltrona de frente para a mesa de Vitor. O sol entra pela janela e alguns passarinhos cantam ao longe.

Vitor se acomoda em sua cadeira e se projeta em direção à Clarice, apoiando seus cotovelos em sua mesa e juntando suas mãos.

VITOR

Vou direto ao ponto.

Clarice se ajeita na poltrona, mas permanece com um semblante calmo e confiante.

VITOR (CONT.)

O departamento de comunicação e marketing tem feito uns apontamentos sobre seus últimos trabalhos. Disseram que você tem fugido um pouco dos parâmetros de qualidade da empresa.

Clarice franze o cenho.

VITOR (CONT.)

Seus vídeos são excessivamente poéticos. Você sabe que nós admiramos e reconhecemos as características pessoais de cada profissional, mas isso não é rentável.

Clarice arquea as sobrancelhas.

VITOR (CONT.)

Precisamos entregar o que o nossos clientes querem. Por exemplo, olha esse vídeo de um dos nossos maiores parceiros.

Vitor digita em seu notebook e mostra uma apresentação de um vídeo em tela cheia para Clarice. O anúncio publicitário é composto por uma MÚSICA ANIMADA, um texto feito em animação dizendo "Venha se hospedar ao lado de uma das maiores maravilhas do mundo! Descubra o que há de melhor em Foz do Iguaçu." Por fim, um logotipo de um hotel de luxo.

VITOR (CONT.)

É simples, não é?. Dá pra seguir esse modelo?

Clarice respira fundo mantendo a postura.

CLARICE

Claro.

#### 67. INT. EMPRESA - REFEITÓRIO - DIA

Clarice almoça uma marmita pequena, e enquanto come, divide a sua atenção entre as garfadas e um vídeo no celular sobre câmeras e iluminação.

#### 68. INT. ÔNIBUS - MAIS TARDE

O ônibus está relativamente cheio. Clarice está cochilando com a cabeça encostada na janela. Ao passar por uma lombada o movimento faz com que ela acorde por alguns segundos, voltando a cochilar logo em seguida.

## 69. EXT. TRILHA PARA AS CATARATAS - TARDE (SONHO)

Alguns animais se fazem presentes no caminho que leva até as Cataratas. Um quati, alguns lagartos, borboletas, e por fim, um grilo, que para em um dos corrimões da trilha. Ao fundo, as quedas d'água caem distantes.

## 70. INT. ÔNIBUS - MAIS TARDE (VOLTA AO PRESENTE)

Clarice acorda num movimento do ônibus. Olha pela janela. Se levanta rapidamente dando sinal e descendo do ônibus assim que ele para no ponto.

## 71. INT. CASA DE CLARICE - COZINHA - NOITE

Clarice está de pé lavando louça enquanto escuta música em seu fone de ouvido. Sua cozinha é simples, bem organizada e limpa.

Clarice lava os pratos e copos com rapidez, balançando a cabeça e o corpo conforme a música toca em seu fone.

## 72. INT. CASA DE CLARICE - QUARTO - NOITE

Clarice olha para sua demanda no computador e em seguida o desliga. Ajeita brevemente alguns papéis em cima de sua mesa e depois se dirige para sua cama.

Clarice para na janela aberta por um instante. Se apoia e olha para fora. Depois, volta para o quarto, faz uma careta e resmunga irônica.

CLARICE

(para si)

Dá pra seguir o modelo?

Fecha a janela deixando uma brecha. Vai para a cama.

Antes de deitar, ela se levanta novamente e liga um ventilador que estava no canto do chão. Ela coloca em cima de sua cadeira e o liga, deixando em velocidade mínima.

Clarice deita em sua cama e vira para um dos lados, fechando os olhos.

É possível ouvir um GRILLO estridular três vezes baixinho.

## 73. EXT. RUA - DIA

Clarice caminha tranquilamente pela calçada. Seus olhos permeiam o ambiente de forma descontraída. Por um momento ela para de caminhar e pega uma garrafa d'água em sua bolsa para beber. Bebe até o último gole. Ela se abana com as mãos.

Ao se abanar, vira para um lado da rua e observa dois outdoors próximos um do outro. Um sobre um atrativo turístico e outro sobre um shopping no Paraguai.

Clarice os observa por um momento e depois segue sua caminhada. Mais a frente, encontra um lixo reciclável e despeja sua garrafa.

#### 74. INT. EMPRESA - SALA DE REUNIÃO - DIA

Clarice e outros funcionários estão sentados ao redor de uma mesa. Vitor está em uma ponta da mesa com seu notebook aberto. As pessoas, prestam atenção nele, algumas checam algo em seus celulares e Clarice permanece atenta. Vitor gesticula com as mãos enquanto discursa com serenidade e clareza.

VITOR

Por hora é isso. Ficou acordado um aumento de demanda semanal por conta da parceria com novos clientes e assim que possível vocês vão receber dos gestores as novas escalas de produção.

As pessoas se ajeitam para sair da mesa, algumas já se levantam.

VITOR (CONT.)

E mais uma coisa importante, lembrem-se, sempre estar um passo a frente e dar um feedback o mais rápido possível. Bom restante de dia pra vocês.

Os funcionários e Clarice se levantam, as pessoas começam a sair da sala. Vitor se aproxima de Clarice.

VITOR (CONT.)

Posso falar com você?

As pessoas saem. Clarice permanece em silêncio e senta de volta na cadeira. Vitor senta e traz seu notebook para perto. Estão sozinhos na sala. Vitor mostra seu notebook para Clarice com um anúncio publicitário rodando.

No vídeo, cortes rápidos de frames mostrando produtos eletrônicos com uma MÚSICA ritmada.

VITOR (CONT.)

(mostrando o notebook)

O que é isso?

Clarice olha atenta e arqueia a sobrancelha.

CLARICE

Meu último vídeo.

Vitor encara Clarice em silêncio por um tempo. Ele dá um sorriso irônico de canto.

VITOR

O que acha de participar de uma filmagem? Pode ser que isso melhore sua inspiração e te ajude a lembrar do nosso padrão.

Vitor levanta as sobtrancelhas com um olhar sério. Clarice respira fundo. Concorde com a cabeça.

75. EXT. TERMINAL DE ÔNIBUS - TARDE

Clarice está em um ponto de ônibus com outras pessoas. Ela está com fones em seus ouvidos. Clarice olha ao redor e observa um ônibus chegar no terminal. O letreiro diz "120 - Parque Nacional".

Ela observa as pessoas descendo do ônibus. Ao mesmo tempo, o seu ônibus chega. Ela olha para o 120 antes de subir as escadas da sua condução.

76. INT. CASA DE CLARICE - QUARTO - MADRUGADA

Clarice está sentada na cama. Alonga seu pescoço e coça os olhos. Vai até o ventilador e o liga. Depois, vai até a cama e se deita, fechando os olhos.

Um GRILLO começa a cantar alto. Clarice permanece imóvel em seu conforto. O grilo ESTRIDULA mais algumas vezes em um intervalo de tempo. Clarice se mexe para os lados na cama, mas permanece quieta com os olhos fechados.

O CANTO do grilo começa a ficar contínuo e mais alto, até atingir uma frequência de ritmo e volume. Clarice abre os olhos e respira fundo. O grilo continua.

Clarice se levanta da cama por um instante. O grilo para de cantar. Clarice fica de pé em silêncio, só é possível ouvir o VENTILADOR.

Clarice olha para os lados, vai até sua janela fechada, passa a mão por entre as frestas, olha embaixo de sua cama e depois senta nela. Depois de alguns segundos, volta a se deitar, mas não fecha os olhos. O grilo CANTA mais três vezes, Clarice permanece atenta.

O grilo ESTRIDULA novamente, seguindo o ritmo e volume. Clarice se levanta rapidamente da cama, desliga o ventilador. Acende a luz do quarto. Começa a procurar o grilo por todos os cantos do quarto, incrédula.

Depois de um tempo, o grilo some. Clarice permanece estagnada e atenta. Apaga novamente a luz e liga o ventilador, se deita.

Coloca a cabeça no travesseiro encarando o teto. Dá um bocejo prolongado e passa as mãos nos olhos. Fica deitada de barriga para cima. Seus olhos começam a fechar devagar. O grilo ressurge.

Clarice arregala os olhos, e num movimento brusco pega o seu travesseiro e coloca em cima da sua cabeça, pressionando-o ao seu rosto, grita de raiva.

77. EXT. CIDADE DE FOZ - MANHÃ

O dia amanhece em Foz. O sol nasce. Os garis passam pela calçada varrendo as ruas e juntando as flores e folhas do chão.

78. EXT. FACHADA LOJA DE ROUPAS - DIA

Clarice participa de uma gravação, formando uma equipe com mais duas pessoas. Eles arrumam a iluminação e o posicionamento de uma câmera num tripé em frente a uma entrada de uma loja de roupas. De frente para câmera há uma mulher que aguarda os ajustes técnicos serem realizados antes da gravação, ela veste o estilo exposto nos manequins da vitrine.

Clarice configura a câmera por um momento. Seus olhos estão baixos e suas olheiras estão fundas. Por um momento ela olha para a mulher à sua frente e depois para o lado.

POV CLARICE

Há uma árvore que balança com o vento, algumas folhas caem rodopiante. O SOM do vento se intensifica.

VOLTA À CENA

Clarice observa com as folhas caírem, todo o SOM AO REDOR parece ser abafado. Ao fundo a câmera faz um BARULHO que a desperta voltar para o evento. A bateria descarrega.

As pessoas observam Clarice e a aguardam. Clarice vai até uma bolsa com lentes e baterias. Pega uma que estava guardada e faz a troca na câmera. Checa novamente as configurações e olha entre o visor da lente.

POV CLARICE (LENTE DA CÂMERA)

Clarice olha por alguns segundos para o enquadramento. Num piscar de olhos um grilo pula diretamente na lente.

VOLTA À CENA

Clarice se assusta e vai para trás dando um grito.

CLARICE  
(assustada)  
Aaaahhh!

Clarice respira fundo e se recompõe aos poucos, esboça um sorriso falso.

CLARICE (CONT.)  
Tá tudo bem gente. Assustei com um bicho na lente só. Tá tudo pronto.

79. INT. CASA DE CLARICE - QUARTO - MAIS TARDE

Clarice está sentada ao seu computador editando o vídeo da loja gravado pela manhã. O grilo CANTA algumas vezes. Clarice arqueia a sobrancelha e tira um dos lados do fone. O grilo ESTRIDULA novamente.

Clarice morde os lábios, coloca o fone em cima da mesa e se levanta da cadeira, andando pelo quarto. Ela procura em suas roupas, pelo chão, na parede, na janela, nenhum sinal do grilo.

Ela olha para o chão desolada por um momento e seus olhos focam em sua bolsa com as lentes e baterias. Ela abre um compartimento da bolsa e tira um gravador de som. Pega um microfone direcional, acopla a um suporte, liga-o no gravador e coloca o a pré gravação para conseguir ouvir o som pelo microfone.

Clarice aponta o microfone pelo quarto. O SOM do grilo se intensifica em uma área específica próximo da janela. Clarice aponta para a janela concentrada. Fecha os olhos e mexe lentamente as mãos para conseguir maior precisão. O grilo continua a ESTRIDULAR.

Clarice abre a janela. Um vento entra pelo quarto. Clarice olha para a paisagem do lado de fora e em seguida coloca o microfone para fora do quarto, começa a apontar para os arredores.

O SOM do grilo cessa. Clarice pode escutar os sons da noite com clareza. Escuta o BALANÇAR DOS GALHOS AO VENTO, muda de direção e escuta o TILINTAR de um sino dos ventos ao longe.

Um cachorro LATE distante. Escuta um PIAR de uma coruja em cima de um muro. Mais próximo à sua casa direciona o microfone para um poste de luz, ouve-se as VIBRAÇÕES DE ELETRICIDADE.

Clarice escuta esses sons com atenção, e sorri timidamente vez ou outra quando eles surgem.

Volta com o microfone para o quarto. O grilo aparece novamente CANTANDO BAIXO. Clarice bufa e cerra os punhos, fecha a janela do quarto com força e velocidade.

## 80. INT. EMPRESA - ESCRITÓRIO - DIA

Clarice está em sua mesa editando algum vídeo de anúncio de um restaurante. Aos poucos, seus olhos começam a baixar. Continua o trabalho. Todavia, as palpebras começam a pesar, e aos poucos ela cai no sono. Começa a cochilar em sua cadeira. A cabeça pende para um dos lados, o vídeo no programa de edição fica rodando em looping.

Vitor aparece na sala caminhando para outro lugar, todavia, se depara com a cena de Clarice dormindo. Vitor se aproxima e a acorda com um toque no ombro.

VITOR

Pss. Clarice?

Clarice acorda no susto. Olha para Vitor com os olhos arregalados.

CLARICE

Vitor! Meu deus, desculpa, eu--

VITOR

--Me acompanha, sim?

Ele faz a intimação e sai da sala. Clarice desaba na cadeira, bate a mão levemente em sua cabeça com expressão de raiva.

## 81. INT. EMPRESA - ESCRITÓRIO VITOR - MINUTOS MAIS TARDE

Clarice se senta na poltrona de frente para a mesa de Vitor, que a encara com um rosto sério.

VITOR

Clarice, não tem mais como a gente dar continuidade no seu contrato.

Clarice projeta uma postura fechada e cabisbaixa. O silêncio toma conta da sala por alguns instantes.

CLARICE

Vitor, desculpa...

VITOR

Eu sinto muito.

Clarice encara Vitor indignada. Descreditada, ela se levanta da poltrona. Se aproxima de Vitor e coloca a mão em cima da mesa dele.

CLARICE

Seu trabalho é péssimo!

Clarice sai da sala bufando e fecha a porta.



## 82. INT. CASA DE CLARICE - QUARTO - NOITE

Clarice está deitada em sua cama. Seus olhos se enchem de lágrimas. Ela contém o choro. Passa um tempo em silêncio encarando o teto. Depois, olha para seu quarto e para a janela. Nenhum sinal do grilo. Clarice fecha os olhos e adormece pesadamente.

TELA PRETA

## 83. EXT. PONTO DE ÔNIBUS - MANHÃ

Clarice espera no ponto, está com uma roupa confortável para o clima e usa uma bolsa colocada de forma transversal. Pega uma garrafa d'água e dá uma golada. O ônibus se aproxima, ela entra.

## 84. EXT. TERMINAL DE ÔNIBUS - MAIS TARDE

Clarice desce do ônibus e caminha em direção ao ponto da linha 120. Ela aguarda em uma fila. Um tempo depois, o ônibus chega e ela embarca.

## 85. INT./EXT. RUAS DE FOZ / ÔNIBUS 120 - MOMENTOS MAIS TARDE

Clarice olha pela janela do ônibus. Há uma placa que indica a direção do Pq. Nacional do Iguaçu. Clarice sorri. No ônibus, pessoas de diversas nacionalidades conversam entre si ou apenas aguardam.

O ônibus chega até a entrada do Pq. Nacional do Iguaçu. Clarice desce do ônibus sorrindo.

## 86. INT. ÔNIBUS TURÍSTICO - MOMENTOS MAIS TARDE

Clarice está na parte de cima do ônibus que vai até as Cataratas. Ela observa o caminho e grava alguns trechos com o seu celular.

## 87. EXT. TRILHA PARA AS CATARATAS - MOMENTOS MAIS TARDE

Clarice começa a descer a trilha que leva até as Cataratas. Pessoas param para tirar foto. Clarice pega o seu celular e faz o mesmo, fotografando as quedas e tirando selfies em lugares onde é possível ter uma boa visão das quedas.

## 88. EXT. QUEDAS DAS CATARATAS - MOMENTOS MAIS TARDE

Clarice se aproxima de uma plataforma onde é possível ver as quedas bem de perto. Algumas pessoas se aproximam da grade e acabam se molhando por inteiro. Muitas pessoas tiram fotos e selfies próximos à queda.

Clarice para e olha para as quedas, contemplando a paisagem e sentindo o peso do SOM DAS ÁGUAS que caem. Por um momento ela pega o seu celular e aponta para as quedas a fim de tirar uma fotografia, todavia, hesita em tirar e guarda o celular, voltando sua atenção para a água.

Clarice então deixa a bolsa em algum lugar próximo e começa a se aproximar das quedas. Aos poucos a água começa a tocar o seu corpo. Ela encosta suas mãos segurando na grade. Com os olhos abertos, deixa a água invadir toda a extensão do seu corpo. O SOM DA QUEDA toma conta do ambiente. Clarice abre seus braços e sorri.

FADE OUT

89. INT. CASA DE CLARICE - QUARTO - DIA

SÉRIE DE PLANOS - CLARICE EM SEU QUARTO

- Clarice arruma algumas roupas, separando as sujas das limpas, e dobrando algumas outras.

- Clarice varre o quarto e organiza sua mesa.

- Clarice toca alguns acordes soltos em seu violão de frente para o ventilador. Ela repousa a cabeça sobre o corpo do violão e dedilha algumas notas. Em seguida, olha para sua bolsa de equipamentos. Guarda o violão no suporte e puxa a bolsa para si. Organiza algumas baterias e lentes e a colocam em uma bolsa menor junto com a câmera.

FIM DA SÉRIE DE PLANOS

90. EXT. ENTRADA CASA DONA SÔNIA - MINUTOS MAIS TARDE

Clarice sai de sua casa com a bolsa e desce a sua rua. Ela passa em frente ao quintal de uma casa simples, com muitas plantas no quinta da frente, algumas roupas no varal e uma pequena árvore.

Sua vizinha, DONA SÔNIA (75), olhos fraternos, pele negra, cabelo curto, óculos de grau, usando um vestido comum estampado e chinelos. Ela rega algumas plantas em seu quintal e depois esboça um grande sorriso ao ver Clarice no portão.

DONA SÔNIA

Oi minha linda.

CLARICE

Bom dia Dona Sônia.

DONA SÔNIA

Bom dia. Ta indo trabalhar?

CLARICE  
 Tô indo tirar umas fotos. Quer que eu tire uma da senhora?

Dona Sônia ri.

DONA SÔNIA  
 (risonha)  
 Eu? Não sou fotogênica.

CLARICE  
 Ah é sim. Vamos tirar uma bem bonita com você do lado das plantas.

Clarice tira uma fotografia de Dona Sônia.

Em seguida, Clarice mostra para Dona Sônia as fotografias.

CLARICE  
 Olha como a senhora tá bonita.

DONA SÔNIA  
 Ah, gostei! Fiquei linda! Você é muito telentosa.

Clarice sorri para a senhora. Continua mostrando mais algumas fotos.

#### 91. EXT. RUAS DE FOZ - MOMENTOS MAIS TARDE

##### MONTAGEM - CLARICE FOTOGRAFA A CIDADE

Nas RUAS de seu bairro, Clarice fotografa torres de energia, pessoas em frente às suas casas tomando tererê, roupas no varal.

Em um CAMPINHO de futebol, Clarice fotografa algumas crianças jogando bola e empinando pipa.

Em uma PRAÇA, Clarice fotografa um casal de jovens.

Em um SALÃO DE BELEZA, Clarice fotografa pessoas trabalhando, rindo e conversando.

No CENTRO, Clarice fotografa pessoas no TERMINAL DE ÔNIBUS.

No RIO PARANÁ, Clarice fotografa as árvores pela estrada de pedra, a água, os barcos indo e vindo, o catamarã que passa. Ela grava por alguns segundos o fim de tarde, muitas CIGARRAS sibilam, o sol se põe e a luz se esvai, caindo a noite.

FIM DA MONTAGEM

## 92. INT. CASA DE CLARICE - QUARTO - MAIS TARDE

Do lado de fora cai uma chuva de verão. Clarice está em seu computador revendo algumas fotos que tirou no dia. Ela sorri com o passar das fotos.

Depois, vai até a janela e fecha os olhos, respirando fundo e sentindo a água tocar seu rosto. Vai até a cama e desaba de frente, enterrando o rosto no colchão.

## 93. EXT. RIO PARANÁ - TARDE

Fim de tarde. As cigarras SIBILAM. Alguns pescadores jogam suas linhas no fundo do rio paraná. Eles estão dispostos de forma isolada, um e outro em algum canto do rio.

Um dos pescadores gira seu molinete puxando a linha de volta. Sua expressão é tranquila e serena. Ao puxar a linha, não há nada, apenas o anzol vazio. Ele projeta novamente a vara para o rio.

Um outro pescador cochila com o boné em seu rosto enquanto a vara de pesca está presa a um suporte. A linha puxa algumas vezes mas o homem continua a dormir.

O sol some no horizonte.

## 94. INT. ESPAÇO CULTURAL - DIA

Algumas pessoas andam por entre uma espaço com diversas fotografias, projeções, fones de ouvido, pertences e objetos. Em uma das paredes, uma placa informativa com um texto maior em negrito e um pequeno texto abaixo. O título diz o seguinte: "Foz do Iguaçu - Momentos e memórias singulares, por Clarice Fontes."

Fotos de pessoas e cenas do cotidiano são dispostas pelo lugar. Em uma área da exposição, há fotos da vizinhança de Clarice, inclusive uma fotografia de Dona Sônia em seu quintal com suas plantas.

Ao lado das fotos, um fone de ouvido está colocado em um suporte, e ao lado há um pequeno texto informativo. Um jovem se aproxima contemplando as fotos e em seguida vai em direção ao fone.

Ele coloca o fone em seus ouvidos e lê o texto descritivo. "Noites em minha casa". O jovem escuta com atenção. Os CACHORROS LATINDO, o SINO DOS VENTOS, o VENTO E GALHOS BALANÇANDO, e por fim, O GRILO ESTRIDULANDO.

TELA PRETA

FIM